

# Diário de Lisboa

vença

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Municipal Central de

RUA LUZ SURIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O NOSSO estimado colega *O Seculo* occupou-se, num brilhante artigo escrito por alguém que conhece Algarve e Sagres, por observação directa e demorada, do monumento ao Infante D. Henrique.

Agradecemos a sua valiosissima cooperação em defesa duma causa que é da nação, defendida desde largo pelos nossos melhores escritores e jornalistas.

*O Seculo* sugere mesmo as proporções e características do monumento que nos parecem dignas da maior atenção — pelo menos com cautela contra precipitações e arranjos suspeitos. Transcrevemos, com a devida venia, o seguinte formoso trecho:

“O monumento a construir em Sagres não pode, por consequencia, consistir numa simples estatueta, de maiores ou menores proporções, perdida na adusta esplanada, erigida de rochas e de zimbros, que vai das ruínas da primitiva escola nautica e da capelinha humilde, que lhe fica ao lado, até ás pedras em cuja raiz o mar desfaz, entre rugidos e lamentos, as suas iras. Tem de ser, na verdade, um monumento. Com que forma? De que proporções? Com a forma duma torre altissima, sobre a qual se levantasse uma figura simbolica, sustentando na mão direita um potente foco luminoso, acção de dia e de noite. Qualquer coisa parecida com o monumento da Liberdade, á entrada de Nova York, mais grandioso ainda. Um bloco formidavel de cimento armado, que podia perfectamente ter a ornamentação na base a estatueta do Infante e — por que não? — as efigies, os bustos ou outras estatuas dos navegadores que, cumprindo as suas ordens ou obedecendo ás suas sugestões, foram es heróicos realizadores dos seus planos, que muitos não deixariam de ter considerado como sorridentes e irrealizáveis fantasias.

Com um monumento orientado neste sentido, está o *Seculo* de accordo. Só ele poderá ser digno do homem que se deseja consagrar para sempre. Só ele se imporia á curiosidade internacional, porque só ele saberia recordar, á navegação que passasse ao largo do promontorio sagrado, a nossa epopeia maritima, os feitos imoriaes dos antigos navegadores e descobridores lusitanos. A historia das nossas descobertas e das nossas conquistas irradiaria irresistivelmente do foco deslumbrante, que no alto da columna votiva se accendesse duma vez para sempre, para não permitir que a sombra do esquecimento voltasse a querer furtar-nos á admiração do mundo. Para que esse mundo ficasse sabendo que o Infante D. Henrique existiu não era preciso ir a Sagres. Essa romagem, para quem percorre as estradas do mar, não era indispensavel. Bastava passar ao largo do rochedo historico e ver a arder, em fulgurações intensas, aquele grande sol. A propaganda faria o resto. E não era tarefa que esfalasse ninguém. O facho luminoso do monumento de D. Henrique seria, acima de tudo, a fulgurante chama duma Patria, que os nossos antepassados engrandeceram e que as gentes lusas de agora têm o dever de não deixar morrer na admiração dos que a desdenham principalmente por não a conhecerem.

Vejamos em grande ao menos uma vez na vida. E, sobretudo, não se comprometa, por não haver a coragem de lançar a vista para longe, uma ideia que deve cair bem no coração de todos os portugueses...

Crêmos que ninguém estará em desacôrdo com este alvitre que indica com clareza os termos em que o monumento ao Infante ficará á altura do seu nome e do nosso culto.

## Roosevelt

Entrou no exercicio das suas funções de presidente dos Estados Unidos o sr. Roosevelt que ficou logo assoberbado com um crise formidavel que atinge não só a estabilidade das finanças e as relações mercantis com as outras nações, mas o omnipotente dolar — de resto habituado a bater-se com as vagas alterosas e as ameaças de catastrophe.

Se os nossos nervos ainda pudessem comover-se com acontecimentos á sensation, teriam recebido um choque violento, perante o desencadear do magno acontecimento. Feliz ou infelizmente, estamos saturados de mutações bruscas e de saltos sobre o abismo.

De 1914 até agora, deu-se, em grande, uma repetição assombrosa da historia de todos os tempos e de todos os povos. Os Estados Unidos — antes, durante e ainda depois da guerra — chamaram a si o ouro do mundo, accumulando tesouros que excediam os da *Mil e uma Noites*, na mesma proporção em que o robe supera a tímida e rasteira urze. O papel que a victoria dos aliados lhes atribuiu recusaram-no, alegando que desejavam isolar-se da Europa e manter-se estranhos ás tempestades cujo perigo se avizinhava. Não ratificaram o Tratado de Versailles e puzeram-se ao largo, arredando-se da Sociedade das Nações.

Para evitar que o pagamento das reparações se desfizesse em fumo, intervieram punicamente, talvez por terem interesse em que a Alemanha saldasse os seus compromissos — condição necessaria para que eles, por sua vez, embolsassem os seus creditos sobre os aliados, geralmente chamados dividas de guerra. A simples ideia de prenderem á restauração da Europa, arripiava-os.

— Arranje-se cada qual com o puder... —

Fecharam-se a sete chaves, emquanto os vencidos e os vencedores se batiam no desespero. Ergueram barreiras alfandegarias contra as importações. Apareceu a celebre teoria de que um país riquissimo, com territorio vasto e fertil e uma população a crescer e a enriquecer, devia constituir um continente á parte. A democracia americana, placidamente, arimeticamente, subjugava a terra inteira.

Estava no seu direito? Inquestionavelmente, se dermos á palavra a significação cruel que em português se traduz pela formula expeditiva — *paga e não bufes*.

Tudo, porém, tem os seus limites: para o devedor se desobrigar, era de elemental prudencia ajudá-lo com o ouro que ele tivera de entregar ao plutocrata, na hora critica do «ser ou não ser». No seu egoismo os Estados Unidos taparam os ouvidos para não ouvir lamentos e apertaram os cordões á bolsa para não emprestar aos pelintras, dizendo consigo:

— Quem se fia no coração vem a acabar mal!

Quando o sistema, assim imaginado, estava já a funcionar, os Estados Unidos, que se haviam apetrechado para viverem sem cuidados foram atingidos em pleno peito pela vaga derrotista. Como os seus colossais stocks de ouro não eram absorvidos pelas prudentes necessidades do commercio, agricultura e industria, o sobreceletante lançou-se na especulação. Nunca a aventura bolsista chegara a extremos tais! Faziam-se, destaziavam-se e refazia-se fortunas em vinte e quatro horas. Em Wall Street corria um verdadeiro Pactolo.

Um dia caiu por terra o enorme castelo de cartas: a crise mundial conquistava os Estados Unidos. Derrocadas, falencias, desemprego, paralisação de negocios e liquidações forçadas constituíram o prato de cada dia. Sossobrava o emporio do orgulho e da gélida indiferença. Naturalmente, houve quem apontasse responsaveis: o sr. Hoover e o partido que o elegera.

O eleitorado retirou-lhes o seu apoio, voltando-se, confiado, para o sr. Roosevelt e para o partido democratico.

Chegou o instante critico em que é necessario passar das intenções ás acções decisivas: como reagirá o novo chefe do Estado federal contra a depressão e o panico dos ultimos dias? Adoptar providencias, quaisquer providencias, é facil, mas torna-las eficazes, eis a dificuldade.

Mas como o sr. Roosevelt é um homem em quem o conhecimento dos mais graves problemas se conjuga com o tino politico, que os seus proprios adversarios lhe reconhecem, acreditamos que faça frente com exito á tormenta.

Os erros do seu antecessor estão patentes: esperamos que os emende, tanto quanto possivel, restituindo nos Estados Unidos a importancia que lhe cabe na comunidade internacional.

OS produtores do vinho francês de Banyuls pensaram em réclamar a sua mercadoria, e o melhor processo que descobriram para isso foi o de difamar um produto português, o nosso vinho do Porto.

Afixaram cartazes gritantes nas ruas de Paris, em que se afirma que o consumidor francês está sendo enganado e que o serviço de fraudes não se encontra habilitado a reprimir os abusos que tem conhecimento.

Os verdadeiros objectivos da manobra de publicidade são, portanto, e em relação a eles, as precauções tomadas as nossas autoridades e os novos merciantes.

A legação de Portugal em Paris já formulou oficialmente um protesto energico a proposito dos estranhos cartazes; e a Camara de Comercio Franco-Portuguesa, perante essa campanha, decidiu levar a questão para os tribunais.

\*\*\*

POR despacho ministerial foram aprovados os estatutos do Gremio dos Invalidos da Guerra, instituição que se destina a estreitar os laços de camaradagem e cordialidade entre os invalidos de guerra, orlãos e vivvas, procurando melhorar as suas condições economicas e sociais e promovendo a publicação de um jornal e de brochuras que desenvolvam a cultura dos seus associados.

Esta agremiação tem um caracter meramente civil, é estranha a ideias politicas e religiosas e procurará criar delegações em todas as terras do país onde a existencia destas se justifique.

\*\*\*

PROSEGUINDO A serie de conferencias culturais que, com tanto exito, se vêm realizando no Salão do *Seculo*, o sr. dr. Alvaro de Sampaio, antigo bolsista da Junta de Educação Nacional, falará hoje sobre a Escola Unica.

Nenhum tema mais proprio do que este para despertar a curiosidade e agitar os mais nobres sentimentos e aspirações entre os homens do nosso tempo.

A Escola Unica é um problema de interesse universal de cuja resolução, em grande parte, pode depender o futuro das sociedades cultas.

\*\*\*

OSR. dr. Waldemar Ferreira, professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, realiza hoje, na sede da Faculdade de Direito de Lisboa, pelas 21,30, a primeira conferencia da serie que vem fazer entre nós sobre as directrizes do direito mercantil brasileiro.

As outras conferencias realizar-se-ão nos dias 11, 14, 17 e 21 corrente.

\*\*\*

A FOLHA official publica hoje um decreto providenciando para que se faça a tempo, e com regularidade, o abastecimento de trigo no arquipelago dos Açores.

\*\*\*

OSR. dr. Oliveira Salazar realiza, no Porto, no proximo dia 12, uma conferencia de propaganda sobre a nova constituição e o Estado Novo.

De Moscovo

As casas de penhores

MOSCOVO, fevereiro.—Uma instituição que sobreviveu a idade do capitalismo na Rússia, e que talvez tenha acentuado a sua trágica existência, são as casas de penhores que em russo, referindo-se à origem italiana dessa instituição, chama-se «lombardi».

Se fizermos uma visita às três casas de penhores que ha em Moscovo, deparamos com montanhas de trapos e de valiosos objectos, brilhantes rodeados de escuridão, com prestatistas que exercem a sua profissão com a mesma dureza que os seus colegas dos demais países: miséria sem fim.

A casa de penhores da rua Arbat abre todas as dias ás 9 horas da manhã. Já ás 7 horas, quando no inverno Moscovo ainda está envolto na mais completa obscuridade, chegam os primeiros clientes. Geralmente, são mulheres com embrulhos de baixo do braço. Às 10 horas da manhã já esperam centenas de pessoas, no interior destes locais, que exalam um cheiro repugnante, formando grandes bichas no patio.

Essas pessoas vieram para empenhar tudo, quanto possuem, desde vestidos velhos até anéis de brilhantes; alguns vêm para pagar juros, e poucos, muito poucos, são os que chegam a desempenhar os objectos. Como succede em todo o mundo, os objectos empenhados raras vezes são resgatados. A única diferença das casas de penhores moscovitas das dos outros países é que estas são do Estado que faz de prestatista; este não avisa os empregados para que regatem os clientes ao preço do penhor.

Por misteriosas razões, parece que reina nessas casas uma especie de «preço unitario»: 35 rublos. Já vi emprestar 35 rublos por um par de sapatos velhos e pouco depois a mesma quantia por um afimete com brilhantes. Com 35 rublos no mercado livre, apenas se podem adquirir artigos no valor de Esc. 20400 a Esc. 30400. O prazo do emprestimo é de 3 meses, e as cautelas podem renovar-se, pagando, porém, juros bastante elevados.

Entre a clientela da casa de penhores da rua Arbat e das outras observa-se uma diferença: nesta apresenta-se «gente de ocasião», para empenhar os ultimos restos do patrimonio doutro tempo; nas outras em troca vêem-se pessoas que poderiam chamar a nova classe media — engenheiros, funcionarios, etc., que não possuem nem possuirão jámais objectos de valor; levam para empenhar, quanto muito, um abafio em peles, um par de botas e outras coisas semelhantes.

Em todas as casas de penhores vêem-se os «novatos», que se envergonham de ter de empenhar alguma coisa, não faltando, naturalmente, os já habituados a estes negocios, que lutam com grande desventura para obter maior valor pelos objectos que pretendem empenhar. A casa de penhores que em tempos foi a mais popular de Moscovo ficava situada perto do mercado Suchrevski.

Um dia, um incendio misterioso, em que morreu o gerente da mesma, destruiu todos os objectos ali empenhados. Durante semanas inteiras estacionavam diante das ruínas do edificio pessoas affitas que iam á procura dos seus objectos, porém, era impossível uma identificação entre o montão de restos muito queimados. Por fim, o Estado viu-se obrigado a indemnizar os possuidores das cautelas. — (United Press).

**POLICLINICA DO Rocio**  
L. O. João da Camara, 19 — (Ao Rocio Tel. 2 660).  
DR. A. PINA JUNIOR — Clínica geral e das crianças — 14 h.  
DR. REGO CORDEIRO — Rins e vias urinarias — Às 11 h.  
DR. CANCÉLA DE ABEU — Medicina geral, doenças nervosas — 17 h.  
DR. CORDEIRO BLANCO — Doenças dos olhos — 11,30.  
DR. F. MARTINS PEREIRA — Medicina geral, coração e pulmões — 15,30 h.  
DR. OLIVEIRA MARTINS — Doenças das senhoras-gravides, ás 15.  
DR. JOSE PARDEES — Cirurgia geral operações — 16 horas.  
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta nariz e ouvidos — 14 h.  
DR. JORGE FALCÃO — Pele e sifillis — 15 h.  
DR. GENTIL BRANCO — Baños X.  
DR. GONÇALVES VITERBO — Doenças de boca e dentes, ás 17 h.  
DR. REIS VALLE — Análises clinicas, Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçoagem gimnastica medica.

TEATRO E CINEMA

«Sangue Vermelho», no Tivoli

O tecnico encarregado de escolher o assumto para o primeiro filme interpretado por Clara Bow, depois daquela série de escandalos que a obrigaram a abandonar, por algum tempo, os trabalhos dos estúdios, teve o cuidado comercial de procurar uma nova publico, o proprio conflito pessoal da Clara Bow com a sociedade — em geral pouco disposta a compreender e a admitir raparigas impulsivas cheias de temperamento e de personalidade!

Graças a esta «trouvalle», «Sangue Vermelho», que, noutra occasião, talvez passasse mais discretamente ao «écran», conseguiu ganhar o interesse dum vibrante documento humano, principalmente pela sinceridade com que Clara Bow interpreta o seu proprio drama, nuamente, audaciosamente, profundamente, como se o visse!

A antiga Clarinha — classico tema para cartas de cinefilos romanticos — travessa,

cabeça leve, leviana e boa rapariga, sofreu e appareceu-nos diferente. Talvez menos anecdótica. Talvez com mais interesse. Pelo menos, com mais alma! Mas, sem perder, de maneira alguma, as suas antigas qualidades de frescura e de impeto, que a tornaram, n'um idolo das multidões sofredoras da sua presença, da sua graça e da sua vivacidade!

A interpretação de Clara Bow não é contudo a unica razão justificativa do interesse despertado por «Sangue Vermelho». O filme possui tambem alguns momentos de bom cinema, movimento, variedade de atmosferas, imprevisto, a compençar o «desligado» do tema, e acima de tudo, um conjunto interpretativo de alto nivel onde se destacam Monroe Owsley (cujo nome é preciso decorar), Gilbert Roland, numa figura de recorte romantico, e Thelma Todd.

J. G. F.

O Eslava no Trindade

Como quer que o material da grande companhia de revistas do Teatro Eslava de Madrid seja bastante volumoso e, portanto, difícil de transportar a nossa fronteira a tempo de estarem concluidas as formalidades alfandegarias, a estreia desta companhia, marcada para amanhã, no Trindade, está adiada para a proxima quinta feira, 9, em duas sessões, que se realizam ás 5,30 e ás 22,45 horas, com a primeira representação da revista de grande espectáculo, «Las Leandras», na qual fazem a sua apresentação em Portugal a vedeta Gloria de Gusman, as 1.ªs Ilipios Ascencion Lledo, Conchita Ballesta, Lulita Queiroz, Mercedes Rodriguez, Marija Vespulic e Carmen Fresno e os 1.ªs actores Pepe Alba, director da companhia; Julio Cast o (Castro) e Marcelino Ornat.

«Ama-me esta noite»

«Ama-me esta noite», admiravel romance de amor extraordinariamente realitado por Manuella, que nos dá, em imagens duma grande frescura, a vida de Paris e o comentario ligeiramente cómico da vida da aristocracia francesa, entra hoje, no S. Luiz, na segunda semana de exhibição. É uma autentica maravilha de technica cinematografica com uma linda partitura, genial pela interpretação de Chevalier e de Jeanette Mac Donald.

Zarzuela no Nacional

Em ultimas representações repete-se hoje a entrada zarzuela «El Baile de Luis Alonso» cantada e apresentada em espanhol pela companhia do Nacional, que realizou uma magnifica interpretação, merecê do belo conjunto artistico. O «Baile de Luis Alonso» e o «Homen a las Caças Pardas», comedia cheia de graça em que o trabalho comico de todos os artistas e determinadamente de Nascimento Fernandes é notavel.

Atrás do reposteiro

Val ser proposta em assembleia geral a dissolução da sociedade proprietaria do teatro S. João, do Porto, o que, a ser aprovado, dará lugar á sua liquidação imediata.

— A peça, de caracter popular, de João Bastos, com que a companhia Estevão Amarante faz a sua reparação em Lisboa, no Trindade, depois da temporada da companhia Zelaya de Madrid, é um original destino de escritor e não uma adaptação, como se noticiou.

— A companhia José Climaco, depois das representações, no Politeama, da opereta portuense «A Viela dos gatos» regressará ao Porto, reaparecendo no Carlos Alberto com «O rei dos judeus», com que fará a Semana Santa.

— A companhia de revistas que se pretende contratar para Africa, uma apenas, está sendo organizada por Alves da Cunha, que dall trouxe esta incumbencia, com a colaboração dos actores Carlos de Oliveira, Eduardo Raposo e Alvaro Barradas.

— Entre as novidades e os elementos que vão ingressar na revista «Festa Brava», alguns trazidos de Paris pelo ballarino Piero, figura a completista espanhola Rosario Bruna, que desempenhará três numeros para ella escritos expressamente.

— A companhia Maria Matos trabalhará

Fixe a marca...

Não sendo

SALUS (Vidago)

Não é a melhor agua mineral

BOBENDO SALUS (Vidago)

Obtem-se uma boa digestão

TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT A's 9 e 39 HOJE A's 9 e 30

Ultimas representações

3 ACIOS DE GARGALHADA — 3 Alegria comicativa ou hilaritante comedia

O Homem das Caças Pardas mantem os espectadores em riso constante

A superior interpretação do grande comico NASCIMENTO FERNADES que com Palmira Bastos, Amélia Rey Colaço, Maria Clementina, Robert Monteiro, Baul de Carvalho, desempenham os principais personagens

El Baile de Luis Alonso representada em comedia em espanhol por toda a Companhia

Finalmente... SALUS (Vidago)

É a melhor agua mineral

BOLSA DE LISBOA

7 de Março CONTADO

Table with columns: VALORES, Efectuado, Compra, Venda. Lists various financial instruments like Emp. 6 1/2 0/0 1923 ouro, Consolidação 6 1/2 1920, B. C. de Lisboa assent., etc.

Henrique de Barros Gomes Corretor oficial da Bolsa de Lisboa Rua S. Julião 69

CAMBIOS

Table with columns: CHEQUE SOBRE, Compra, Venda. Lists exchange rates for Paris, Madrid, New-York, London, etc.

S. Carlos



Lida Stichini e Barroso Lopes numa cena do 3.º acto da comedia Os Hospedes da D. Epifania O maior exito Permanente gargalhada

PARA AS CRIANÇAS

# PAGINA INFANTIL

## A MASCOTE LOIRA

A mãe do Luiz tinha posto a mascote sobre a mesa onde o filho estudava.

Em frente havia um espelho e a mascote passava horas a mirar-se nele.

Com a boquinha franzida pelo desgosto, pensava, desolada:

—É' triste ter nascido loira, quando a grande moda são os cabelos pretos.

Era vaidosa a bonequinha, e sempre invejava ás companheiras da loja, onde vivera, as cabeleiras negras e reluzentes.

Ora o Luiz, o menino da casa onde ela fóra parar, era um rapazinho um tanto mandrião.

Procurava sempre pretextos que o distraíssem do estudo e, um dia, ao reparar nos cabelos assestados da boneca, apeteu-lhe limpar o aparelho daquela trunfa.

O diábreto foi assim transformando a cabeleira da mascote num limpa-penas.

Juizgam talvez que ela se ofendeu com esta maldade do rapaz?

Qual! Foi até ridente.

Seria essa maneira dos seus cabelos se tornarem retintos como ela desejava! Os dias foram seguindo e o nosso Luiz ia tornando aquela cabeleira —que fóra um mimo de beleza— num tecido nojentto.

Pela cara de «biscuit» da mascote escorriam pingos de tinta.

Já não se podia ver ao espelho, porque os olhos estavam tapados com a tinta que secara sobre eles.

Mas calculava que devia estar lindíssima, livre daqueles cabelos loiros que tanto a arreliavam.

Ora uma vez a pequena Isabel, uma priminha do Luiz, pegou nela e desatou a rir como uma maluquinha.

—O que fizeste tu á boneca? —dizia entre gargalhadas—Deixa-me ao menos lavar-lhe os olhos, que nem se vêem.

E passou-lhe um pano molhado sobre a cara.

Depois acrescentou: —É melhor cortar-lhe o cabelo, este parece um estregão, todo sarapintado de tinta...

Meu dito, meu feito. Foi-se á cabeleira da boneca e deixou-a razea como uma escova.

O Luiz, muito divertido, exclamou: —Está tal qual um rapaz! Só lhe falta o bigode. Vamos pintá-lo?

Logo traçou com um pincel as guias dum bigodeira sobre os lábios da mascote.

«Inqu eb'ço et aoi ta oeta oetaota. Quando a pobre boneca olhou para o espelho, quasi desmaiou, ao ver-se assim irreconhecivel e ridicula.

Os pequenos escangalharam-se a rir, diante da monstruosidade em que a tinham tornado.

Ao ouvir tantas risadas, a mãe do Luiz abriu a porta e ficou estarrecida a olhar aquella obra malfezida.

Ralhou muito com os penenos, e, coidada, pegou na mascote e meteu-a numba caixa, que mandou para o hospital das bonecas.

Pelo caminho, a boneca ia pensando com os seus botões:

—Fui castigada pela minha vaidade. Tanto desdenhei dos meus cabelos loiros que eram, afinal, tão bonitos! Agora, a minha cabeça parece uma bola de bilhar!

Mas, dai a tempos, voltou com uma linda cabeleira loira, toda encaracolada. Para que ela não soffesse mais tratos das crianças, a senhora pô-la sobre o toucador, onde a mascote fazia um vistão, com a sua cara de biscuit, os lindos olhos azuis, as grandes pestanas ramalhudas, a sua boquinha em forma de coração, e o que ainda

## AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANECAS



I — Manecas vê um aparelho de descascar bananas...

II — ... e vai para casa estudar a forma de inventar outro mais simples e mais rapido.

III — Manecas inicia os seus trabalhos.



IV — O aparelho fica na ponta da unha.

V — Mote-se lá dentro o maquinismo que consiste num macaco.

VI — Manecas mete as bananas por um lado e...



VII — ... pelo ouro saem só as cascas, pois o macaco come o miolo.

VIII — ... Manecas, enraivecido, corre atrás do motor-macaco.

se lembrou de invocar os cabelos pretos das outras mascotes.

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

## MUNDANISMO

diver et es

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

D. Maria Cohen Espirito Santo Silva, D. Victoria de Carvalho Daum e D. Maria Amelia Correia de Freitas Torres.

casamentos

Sendo celebrante o prior de Benfics, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante allocução, realizou-se na parochial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Helena de Mendonça Alves, filha da sr.ª D. Caclidia Dias de Mendonça Alves e do sr. Henrique de Mendonça Alves, com o sr. Mario de Oliveira Neves, filho da sr.ª D. Ana Augusto Soares Neves e do sr. José Alves de Oliveira Neves, já falecido, tendo tido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e os sr. Fernando da Silva Belo e Alvaro da Silveira Azevedo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas inumeras prendas de alto valor, para Nice, onde foram passar a lua de mel.

Pontos de reunião

Assistencia elegante ás representações neste bello teatro da peça original do brilhante dramaturgo sr. dr. Vasco de Mendonça Alves «Os hospedes da D. Epifania»:

D. Helena Gomes Pinto Basto, D. Alice Schroeter de Oliveira Pires e filha, D. America Rocha Melo e filha, D. Maria Eugenia Morano, D. Aurcilia Fidanza da Lemos Lisboa, D. Violante Fidanza da Silva, D. Dulce Cortez, D. Alice Borges de Oliveira Pires, D. Maria Filomena Borges Lamarão Vieira da Rocha, D. Maria Luiza Ulrich Pinto Basto, D.

Albertina Gomes Neto Afonso, D. Raquel Vieira de Matos e filha, senhora de Paulo Brito Aranha, D. Amelia Galveias Mendes e filha, D. Maria Luiza e D. Sara Maria de Serra Moura de Lemos Lisboa, D. Maria Emilia Pinto de Castro, D. Maria da Conceição de Azevedo e Silva, etc.

No Cinema Condes

Assistencia elegante ás exhibições do filme «Os 3 Mosqueteiros», neste bello «cinema», Condessa Ca Torre e filha, D. Laura Sauviniet Bandeira, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Amelia Pedroso Olimpio, D. Julieta Simões da Fonseca e filha, D. Angelica Pavio Pereira da Rosa, D. Henriqueta Carp, D. Zanie Pinay de Castello Lopes, D. Maria da Gloria Duarte Silva, D. Cidália Guedes de And de Santos, D. Maria Alice Sauviniet Bandeira Bastos, senhora de Luiz de Melo Correia, D. Maria Rosa Rodrigues dos Santos, D. Maria Candida Cardoso Pereira, D. Adalina Diniz de Almeida, D. Maria Samweil Diniz de Passos, D. Zina Pomba da Ponte e Sousa, D. Helena Roque Gameiro Leitão de Barros, D. Tereza Terenas Latino e filha, D. Maria Eugenia Olimpio de Seabra, D. Maria Amelia Larameta Simões, D. Hermínia Cunha e filha, D. Alzilda Contreras Cid, D. Eugenia Matoso da Fonseca, D. Maria Tereza Perry Vidal Marques da Costa, D. Alice Guedes de Andrade, D. Maria Emilia Pinto, etc.

em Viagem

A sua casa em Lisboa, regressou de Coimbra o sr. marquês de Faria. D. Eppospona á sua casa perto de Évora, acompanhada de sua esposa, a sr.ª D. Maria Clara de Melo Fernandes de Vasconcelos e Sá, e de seus filhos, o sr. João Augusto de Vasconcelos e Sá.

—As sr.ªs D. Mariana de Albuquerque e D. Maria Casmira de Almeida regressaram a Viseu.

## OS CORAÇÕES DE OURO

Historia maravilhosa (Continuação)

Encontrado o coração de ouro que julgavam ser da princesa, esta, enganada tambem pelas apparencias, pô-lo ao peito cheia de contentamento. Porém o seu espirito recusava-se a admitir que aquelle fidalgo tão delicado e galante fosse quem lho roubara; e assim, por várias vezes, procurára interceder junto do pai a seu favor sem contudo o conseguir. Os dias foram passando, até que, se realizou o julgamento do prisioneiro, a quem o rei deu sentença de morte. A princesa, quando soube, chorou muito e, não podendo crer em que tão gentil fidalgo fosse um ladrão, propôs-se de accordo com o seu pagem, salvá-lo.

Este, que muito queria á sua princesa, prometeu fazer tudo nesse sentido, mas a sua vontade não impediu que mais alguns dias passassem sem nada ter conseguido. E como a data da execução se aproximava, o coração da princesa contrangia-se de dor.

Andava, porém, uma tarde o nosso pagem nos jardins do palacio, pensando na maneira de conseguir os seus intentos, quando viu acerçar-se-lhe uma velhinha que lhe perguntou:

—Porque estás tão triste, lindo pagem?

A voz da velhinha inspirava tanta meiguice e a sua figura tanta simpatia, que o pagem sentiu-se atraído para ela, e respondeu:

—Podera não estar triste. A minha querida princesa encarregou-me de procurar salvar o fidalgo estrangeiro, e até agora nada consegui; porém o que mais me entristece é que, se não tiver sido elle o ladrão do coração de ouro e o não conseguirmos provar, morrerá daqui a quinze dias nas mãos do carrasco, por ordem do nosso rei.

—Não te apouques—disse a velhinha.—Se seguireas as minhas instruções, salvá-lo-ás e darás ventura á tua alma. Ouve, pois:

«Quem roubou o coração de ouro não foi ele, mas sim o duque do Clume, que assim se quiz vingar do desprezo da princesa.

O pagem, desconfiado, não poude deixar de preguntar:

—Mas quem é a senhora para assim saber tudo?

—Sou a fada Felicidade. O pagem não podia acreditar no que estava vendo. Em vez da velhinha, tinha agora na sua frente uma linda menina de cabelos de ouro semeados de estrelas, sustentando na mão uma varinha de prata.

Fascinado por aquella transformação, escutou avidamente o que era necessario realizar para, salvando o pobre prisioneiro, dar tambem a alegria á sua querida princesa.

Depois de ciente do que lhe cabia fazer, dirigiu-se para o palacio. Assim que chegou encaminhou-se para os aposentos do duque e, procurando não fazer ruido, chegou junto da cama onde elle descansava da caçada realçada naquella manhã. Sacando da aljebeira um bago de romã, atirou-lhe á cara, escondendo-se atrás dum respoiteiro.

O duque dai a momentos acordou, e qual não foi o seu espanto ao verificar que o coração de ouro se lhe incrustara na carne de tal forma que lhe tornava impossivel separar-se dele. Furioso, dava tratos á imaginação afim de descobrir a causa do que lhe acontecera, sem o ter conseguido.

E como possuía tambem o grande defeito de ser supersticioso, a vida, daquelle dia em diante, transformouse-lhe num verdadeiro inferno, justamente quando julgara conquistar a felicidade.

(Continua)

HENRIQUE SAMORANO

## A CONFERENCIA SOBRE O INFANTE D. HENRIQUE

# "Em Sagres o que aparece á vista é muito menos que o misterio e o espectro duma grandeza extinta"

## afirmou o sr. dr. Joaquim Manso na sua conferencia

Conforme prometeramos, e satisfazendo o pedido de numerosos leitores do "Diário de Lisboa" que não puderam ouvir a magistral conferencia que o sr. dr. Joaquim Manso realizou nas Belas Artes sobre o Infante D. Henrique, publicamos hoje na integra essa modelar peça litteraria, que revela ao mesmo tempo um estudo historico do mais alto valor, e que ficará como um dos trabalhos mais perfectos que se têm escrito sobre o iniciador dos descobrimentos maritimos.

Minhas senhoras  
Meus senhores

Antes de vir aqui, fui a Sagres e á Batalha, em busca do homem que deixou tais vestigios na historia de Portugal e na do mundo que seria necessario negar o céu, a terra e o mar para não sentir a sua presença—cinco seculos depois. No Promontorio, está a mesma aspereza e rebeldia indomita, onde só crescem tojos e zimbrós como a melopela das aguas, aguardando que alguém venha ou que alguém passe para erguer da sua mortalha, apresentando-o á luz do oriente, o milagre eterno das vagas cativas, sob as garas duma agulha.

Um português de lei que amé a sua Patria e nela veja uma esperanza, a morrer e a renascer, como os astros que giram nas alturas, se acuso, no findar dos dias em que o sol descal sobre o poente, derramando a luz pallida, que é uma especie de compromisso entre a morte e a vida, interrogasse o invisível—porque em Sagres o que aparece á vista é muito menos que o misterio e o espectro duma grandeza extinta—ouviria uma voz a responder-lhe:

—Aqui estive e aqui volto, todas a vezes que uma saudade me acorda: as minhas proprias cinsas estremeceem, reanimando-se, e, sem que eu lhes indique o caminho que conduz a este inhospito desterro, orientam-se, com maior certeza que a agulha de marear. Esqueçam-me todos, se isso é possível, mas não me roubem nem profano o refugio em que eu, a sonhar, a meditar, a ultrapassar os limites do prohibido, arranquei da pedra bruta as ignoradas quimeras que nela dormiam.

Quando visitei Sagres e medi com os olhos o firmamento, a tapar-se na escura bruma, e o Oceano, a desatarse na costa em lamentos que a espuma corava de espinhos, reconheci o infante D. Henrique, como se o seu ser disperso e reditivo, qual semente divina, no singular espectaculo que me prendia e confrangia, falasse por tantos sons e dominasse por tantos sigmos.

Quem seria capaz, senão ele, de insuflar, no ultimo passo da terra portuguesa—paragem sem sedução, sem verde ramo nem linha suave—a mais cãlida e amorosa aspiração de mocidade que jamais floriu no orbe?

—Que del-me absorbo, por um instante, como se tentasse ser musgo com os musgos ou concha com as conchas para poder participar da riqueza imensa que o genio dum principio atirara, com mão prodiga, aos ventos, ás mãres, ás constelações e aos ingratos.

No centro da «rosa dos ventos»—o «cabo» da arte do navegante—delinha-da dentro da fortaleza, com fileiras de pedra solta, vi-me para todos os lados e, sem lhuso possível, descobri nela o traçado das vias maritimas que suspenderam a respiração dum novo, no alvoreço da sua epopéa.

Mas se em Sagres vivo, na Batalha sobrevive o iniciador das Descobertas: num pequeno e branco caixão de mar-more lavrado e branco caixão de mar-more preciosos despojos mortais. Três escudotos: o seu, o da Ordem de Cristo, e o de Portugal. A divisa celebre—*Talent da bien faire*, vontade de bem fazer.

E' nada e é tudo! Em Sagres os elementos saudam o seu capitão, guardando-lhe o nome e defendendo que a retorica: os maus poemas ultrajem a sua memoria.

Na capela do Fundador, na Batalha, em conselho de familia, as estatuas jacentes debatem em surdina os problemas da Imortalidade.

—Qual de vós é o primeiro? pergunta o Mestre de Aviz aos filhos, quando os astros noturnos, coados pelos vitrais, povoaem de silentes soldados de Aljubarrota e de impassíveis marinheiros das Navegações as naves do grande Templo.

Respondem os interpelados:

O nosso irmão Henrique.

Este, como se ferido fosse por um fundo golpe abala-se na sua gelida mudez e relembrá:

—Fui duro e fui cruel e por isso vos rogo que concedais, ao martir e santo a honra que não mereço.

Fernando, com o sorriso que nem o escarneio nem a agonia lhe tiraram, murmura:

—Sofri, é certo, mas que maior premio posso eu apeteer para Deus, para a Patria e para mim?

O valente e honrado rei segreda á esposa, apertando-lhe a destra que na sua repousa:

—Vede, senhora, como o nosso sangue, embora dividido por corações desiguais, se ajunta na mesma palpação de amor e de verdade.

A rainha, entreabre os labios, duma brancura ascetica, e suspira:

—Não os ouço, mas sei que andam abraçados na perfeita lealdade em que os criou.

Assim que a alvorada surge, bruxoleando, emudece lentamente o ligeiro rumor dos tumulos e cessa o dialogo dos mortos; a dinastia de Aviz repousa em paz. A Batalha deixa de ser a parada lunar dos heróis que deliberam ou discutem, sacudindo o pó do esquecimento sobre as lagens sepulcraes, para readquirir a compostura serena e alta dum monumento em que a Patria vive sem corpo—na essência do valor, da beleza e da santidade. O primeiro raio de sol que lhe beija as finas agulhas comunica-lhe o fremor que a percorre das abobadas aos pilares.

Mas, ao bater da meia noite, na visão romantica de Herclano, reconeça a velada dos mortos. E D. João I torna a perguntar:

—Qual de vós é o primeiro—o que mais engrandeceu ou o que mais padeceu pela grez?

Costuma-se dizer: *Tal pai tal filho*, embora duma boa arvore saia, ás vezes, um mau fruto ou o contrario. O sangue é como os cristais: mancha-se facilmente, mas alimpa-se com o perdao das culpas. Na geração de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, não houve necessidade de apagar qualquer nodosa: a raiis era sã, as vergonhas brotaram excoeltes. O rei e a rainha trasladaram-se para a sua descendencia com fidelidade, posto que os traços e as qualidades dum e de outro se combinassem, em doses diferentes, para compor um perfil, formar um character e inflamar uma alma.

A mãe, duma sensibilidade tão emotiva como profunda, virtude a trasbordar de bondade e piedade dum fervor queimante que a devorava e macerava, recorda-se no vulto dos três filhos cujas feições são as suas: D. Duarte—o consciencia, com as suas duvidas, os seus fulgores e as suas crises de exaltação e depressão; D. Pedro—a razão ponderada, equilibrada e segura de alma descurando abstratamente o futuro pela ideal; D. Fernando—o sentimento que pode ser tumultuoso e instancioso, mas leviano e sensuivo, se bem que deturme sacrificios e depreciações absolutas nos que respiram a atmosfera azulada e pura, onde o deus se converte em heroismo.

O pai marcou-se principalmente, quer no fisico quer no moral, em D. Henrique e D. João: aquele, a vontade, a energia, a firmeza na deliberação e na acção, sob os lampejos do genio; este o bom senso, a honestidade saudavel, a disposição burguesa para se proteger contra os extremos que impellem os temerarios á desgraça e os valentes ao exilio.

D. Izabel realizou a síntese senhoril dos pais, luminosa tela de Van Dick, a formosura balouçando-se entre os irmãos, como uma haste delicada e intelligente nem o tino diplomatico que mostrou, quando duquesa de Borgonha.

Nesta inclita gente—espelho duma nação que sagrara o seu orgulho nos campos de batalha e a sua humildade, no cultivo entranhado do solo—os defeitos eram ainda o sublinhado, o reforço vivo da sua indole, do seu regio timbre. Destacava-se, subindo e imperando, antevendo o porvir e lutando para o alcançar, a figura viril, austera, do Infante D. Henrique que esmagara a sua carne, praticando a castidade como um monge, a fim de que o coração lhe não embaraçasse os movimentos, destinados a servir e a criar, sem prisão nas pesas corporais.

Dele possuímos dois retratos principais—o que se entremostra, nas «Taboas de Nuno Gonçalves», com o copado, pesado e amantado chapelão borgonhês, nem firme, que lhe encobria a face grossa e calma, gloriosamente tostada pelo clima algarvio, vestindo o severo mongil roxo que lhe desce até os pés; e o que Azurara traça á pena, com rigor e elegancia, pois tinha perto o modelo, ao compor a sua *Cronica da Conquista da Guiné*. A estatua que está nos Jeronimos não tem sombra de pareçença.

Não se descobrirá um dia qualquer escultura ou quadro em que ele appareça com o habito branco e a cruz da Ordem de Cristo? Em todo o caso, não ficamos desprovidos de elementos bastantes para o imaginarmos, tal qual era, na plenitude do seu estro e com o relevo espiritual do seu primado. Os irmãos escutavam-no com attenção e, posto que nem sempre o entendessem com clareza, adivinhavam-lhe a superioridade que os ofuscava e vergava.

Recebeu por herança o riço arcabouço paterno e tambem a estatura, com a coragem inabalavel que afronta e arreda o perigo.

No meio dos hesitantes, o seu verbo era fogo. Os sonhadores incoerentes, faladores insaciáveis, evitavam-no.

Os decididos e audazes corriam para ele, a pedir conselho e a ofertar prestimos. Sobrio no comer e no beber, desprezava o fausto e a pompa. Velave e estudava, noites inteiras. Palavras brandas e gestos sosegados. Quando se encobriava—o que raro lhe succedia—intimidava os menos assustadicos.

Sabia ouvir e calar.

Reservado, meditativo, desconfiado, alheio ás intrigas que o visavam, distinguindo o merito sob a capa da modestia, sabia, como ninguém, aticar nos peitos varonis a chama que crepitava, timidamente. Sendo justo, praticava a clemencia, a ponto dos seus intimos o censurarem por não conservarem rasto das ofensas recebidas. Liberal em dar e gastar, recompensava com largueza os seus amigos e fiéis servidores. Reputava a avareza um vicio sórdido. De largo em largo, sorria e gracejava com finura, sobretudo nos momentos em que a fortuna o cumplava de venturas—após vigillas inquietas e amargas.

O cronista acrescenta este momento—constante nas adversidades e nas prosperidades humildosos.

Lido em cavalarias, versado nas letras latinas, artista, episodicamente, e

apaixonado pela ciencia, votava-se principalmente á mathematica, á nautica e á astronomia, através das quais suspeitava que o Mar Tenebroso lhe cairia nas mãos. Os estrangeiros que o visitavam temiam-no, não só pela agudeza do seu engenho como pela prontidão com que esclarecia os assuntos que eles supunham estranhos á sua curiosidade.

Corpulento e robusto, tinha uma maneira especial de encarar os incautos que estes, aturridos e desaprumados, acabavam por confessar-lhe os seus segredos e os seus dirfargados intuitos. A sua casa constituia uma verdadeira comunidade em que cavaleiros, escudeiros, vendedores e criados da sua privança—todos juravam pelo seu nome. Na sua juventude, foi alegre, expansivo, sabendo folgar e recrear-se com o comum povo e com os fidalgos. A sua pele era então fresca e corada, o olhar limplido e cativante, um ar risonho que caia bem na turbá que o admirava, desvanecida.

Na celebre cena da distribuição das reliquias e das espadas feita em Odiveias, sua mãe, com a morte na garganta, dirigiu-se a D. Duarte e a D. Pedro, como se semblante magoado pela despedida que lhes fazia. Mas, ao aproximar-se o mais novo dos três, o receoso e tremulo Henrique, Azurara observava que a fatal palidez se lhe coloriu um pouco e que um doce riso lhe afflorou na boca, quasi gelada. Dedicava este filho, bem como o rei, uma preferencia indiscutível. Era o seu enlevo, a maravilha das suas entranhas.

No Porto onde nascera, conseguiu, num arrebatado de força juvenil, reunir, nunciar e aprestar a frota que devia juntar-se em Lisboa á armada aparelhada para Ceuta, provocando zelo e entusiasmo tais que se lidava, de dia e de noite, sem descanso nem cansaço. Velhos e novos punham os olhos nele e exclamavam:

—Bendito o ventre que te gerou!

A loucura da cruzada contra os mouros produzia vertigens, a ponto de Ayres Gonçalves de Figueiredo, nobre cavalleiro, com noventa anos de idade, á testa dos seus escudeiros e gente de pé, com a sua cota vestida, se destacava para a fulgurante aventura.

O Infante, «quando o viu chegar a ele para lhe beijar a mão, começou de se rir e objectou-lhe:

—Já me parece que homem de tantos anos, devia filhar repouso, por descanso de tantos trabalhos.

—Eu não sei, respondeu o anção, se os membros por razão da idade, enfraqueceram, mas a vontade não é agora menos da que foi em todos os trabalhos que eu levei com vosso padre e não poderá por certo haver maior honra, nas exequias da minha repultura, que, antes de meus dias acabados, ser em este fello». (Azurara).

Na hora da partida, as galés, naus e outros navios saíram do Porto, num delirio de palmas e flores, todos embandeirados com baldes e pendões pequenos—das cores, motes e divisa do Infante. Os filhos e netos dos bravos que derrotaram os castelhanos, quebrando-lhe as armaduras e a cega confiança na sua estrela, bravavam contra o clamor e a alegria dos que ficavam em terra:

—Não temas por nós que breve tornaremos. Vai comosco a Patria, que é invencível. Que golpes, que sacrilegas estocadas usarão resistir ao Rei, ao Condestavel e ao destemor dos Infantes, nossos chefes e companheiros?

A tomada de Ceuta desdobrou-se numa série de episodios admiráveis, dignos de Sparta ou de Roma. D. Henrique pelejou com tamanha bravura que ele só, nas estreitas ruas da cidade, fez frente á mourisma que o atacava enfurecida. Como o arenajo das bata-

(Ver continuação na pagina seguinte)

## A CONFERENCIA SOBRE O INFANTE D. HENRIQUE

## E' tempo de restituir Sagres ao seu dono

## O Infante tem o direito de ocupar o Promontorio que baptizou para o respeito e culto das gerações

(Continuação da pagina anterior)

lhas, feriu os imprudentes e amedrontou os destemidos. Ao anoitecer, restava somente o Castelo:

—Será nôsso, amanhã!

Com o favor de Deus e a honra de Portugal, Ceuta—aterrada, desvairada e desgovernada—chorava a sua triste sina, enquanto a soldadesca, na paixão barbara de violar e saquear, gritava:

—Vitoria! Vitoria!...

O rei, já no deslumbramento do triunfo final, mandou vir à mesquita, onde se albergara, o filho querido, o seu glorioso Henrique, para o estreitar e beijar, com o prazer inconto de saudar nele o novo Aquiles, remate da coluna levantada em Albarburo e sensação dourada, na ante-manhã dos Lusíadas.

—«Meu filho, disse ele, pois que a Deus proveio—vos hoje tal aquecimento, assim como ele foi avantejado de todos os outros feitos, assim praz a mim que, por louvor de vossa fortaleza, recebais logo aqui ordem de cavalaria.

—Senhor, respondeu o Infante, posto que meu merecimento não seja tamanho, eu vos tenho muito em mercê a boa vontade que te des para acrescentar em minha honra, empero eu vos peço por mercê que me não queirais fazer semelhante coisa senão ao tempo que a fizerdes a meus irmãos, porque assim como nos Deus trouxe a este mundo um ante outro, assim me prazera que nossa honra fosse dada ordenadamente». (Azurara).

Como assim se explicava era um mancebo de vinte e um anos! O rei, com a experiencia dos combates e a sapiencia dos conselhos de Estado, pasmou com a singela e eloquente modestia, mas concordou, pelo tino que a ditava. Quando desabrochou a luz da manhã, os guerreiros dispuzeram-se a investir contra o castelo, guarnecido com a fina-flor das honras de Salabença. Um deles, porém, reparou que nas ameias chilreava e saltitava um copioso bando de pardais:

—«Não vedes como aqueles pardais all estão assocegados? Que me matem se Salabença com todos os outros não é partido dall e deixou o castelo vazio, cá se assim não fosse não estariam all aqueles pardais assim de assocego» (Azurara).

Não se enganou o avisado fidalgo: Salabença, desmantelada e amolecida, desaparecera com a sua gente. João Vas d'Almada, urvou a bandeira da cidade de Lisboa, no topo da cidadela; o conde D. Pedro de Menezes, alferes-mór do Infante D. Duarte, marchou por ordem deste a levantar a sua propria, na porta de Fez. Se os turcos avançavam do Oriente, ameaçando a cristandade, os portugueses, em sentido inverso, aniquilavam a sua ameaça.

Ceuta, sob as armas de Portugal, indicava o clarear duma civilização—o primeiro inquerido dum povo que interrogava a Africa:

—Até onde és tu capaz de te revelar, mostrando as tuas riquezas e os teus limites?

Mais tarde houve Tanger—um deastre temeroso derivado da excessiva prudencia e desconcertado entendimento com que a expedição foi autorizada e mandada. Ha horas em que o bom senso, na boca dos sábios e dos validos, perde a noção do seu valor, formando barreira contra o inspiração e o desígnio que julgam as coisas de muito alto—como os condores. D. Henrique e D. Fernando tiveram contra si os lugares comuns e a deliquescença da attenção de D. Duarte. Partiram, no meio de discussões e polemicas e inectivas, pagando caro, nos aereis de Tanger, as pensas dos homens de juizo e de são pensar que lhes travaram e estragaram o arrojado

cometimento. Com pena o digo, os portuguezes, repetidamente, confiaram brigas intestinas, a bagatelas furlundas e a intrigas difíceis de desfiar o destino da Patria e o valimento dos varões illustres.

O Infante D. Henrique, após a derrota do seu sonho, a sangrar pelo irmão enterrado no cativo, caluniado, renegado e amaldiçoado, ainda que o cronista o não conte, deve ter resolvido o seguinte, na sua infinta turvação:

—Ceder, nunca! Da derrota brota a victoria, como do inverno a primavera. Se os homens me não compreenderam e alguns me traíram, hei de achar luz para os primeiros e compaixão para os segundos. Onde Deus não falta e a justiça empunha o seu gladio, quem osará derrubar-me?

Como nesta altura da minha conferencia, já que não posso alongar-me, evocando um por um os lances da Conquista e da Descoberta, recordar que na complexa, original e rica personalidade do Infante havia um políptico, um realizador incomparavel, um profeta que lia e penetrava o porvir como interpreta as paginas de Marco Polo, reconstruindo com elas o mapa da Asia e os portos da India. Com os atlas, as cartas, os portulanos diante, rodeado pelos seus cosmógrafos, mareantes e cartógrafos, a insinuação dos mestres que provassero e afinassam os instrumentos—astrolabos, e bussolas—para os pilotos se guiarem na navegação, observando o sol, as estrelas e os fenomenos da natureza, ele mergulhava, de tempos a tempos, na contemplação do mundo que trazia na cabeça—que para muitos estava fechado a sete chaves. O importante não consistia em devassar os misterios do Oceano, sondar-lhe a imensidade, pôr a descoberto os continentes, as ilhas e os arquipelagos, mas sim em submeter a um plano de dominação, ocupando, explorando e colonizando, o estendal infinito das terras encobertas. Eis a sua politica, a sua ciencia e o orientador e de construtor de Imperios: pela Ordem de Cristo, propagava o Evangelho, mas com os seus colaboradores na aventura certa dos mares, urdia a teia inquebrantavel a que se ligavam os elementos separados, mas solidarios da futura prosperidade. Se ele procedera, ás cegas, num improviso brilhante, discontinuo, com altos e baixos, avanços e recuos, lusões e desillusões, esse esforço quedaria falvo, uma pouca de ouro, mas nunca um sistema ordenado, conjugado em função do expiendor, riqueza, progresso nacional e mundial. Que importa que alguns afirmem, apesar da sua presunção ser mais sonhada que provada, que as passagens do Mar eram já conhecidas por navegantes de outras nações... Nem nas ondas nem nas praias, se achou o sulco dos seus barcos ou o cunho das suas pégadas. Seriam, quando muito, aventureiros somnambulos ou devorados pela sua esteril fome de novidades.

Como as asas do albatroz que atravessam o espaço, num relampago, sem perpetuarem a curva elastica do seu voo, esses nautas errantes, inventados, porventura, pelos paleógrafos e pelos historiadores de má fé, nem sequer se atreveram a escrever, na fugaz onda ou na instavel areia, esta lembrança:

—Aqui aporti para dormir, á sombra dos coqueiros, e desorvorar imediatamente, na febre das alucinações.

O Infante D. Henrique, esse não se apressa, porque a curação dos séculos responderá pela sua inalteravel verdade.

Oliveira Martins apresenta-o como um fenicio, com a mania do negocio, o desejo de ganhar e entesourar, de comprar e vender. Agradece a veneração que tributo ao epigrafe peregrino e penitente da historia, a sua opinião

parece-me arriscada, se atentarmos bem em que o Navegador não copia nem segue um modelo: a sua vocação pertence-lhe, como um dom intranmissível, por directo natural, e a sua obra é dum português insular, em beneficio do genero humano. O fenicio, e tambem o cartaginês, cercavam de generosidade e de doutrina; o egoismo e a ganancia guiavam-nos e limitavam-lhes os horizontes. Rasgou o Infante estradas ao mercantilismo? Se o não fizesse, a critica agrida doutra sorte, alegando:

—Desbaratar rios de dinheiro, consumir vidas, sem proveito nem recompensa. O apostolo não consentiu que o comerciante traficasse!

Sempre assim foi: quando algum fenicio é terra fria, as suas cartas são favelladas e as pesadas na balança das dvidas e das contradicções. Teofilo Braga, com a sua precipitada irreverencia, acusa de inaceitavel o que ele denomina a *linda infantilista*. No seu entender, os cronistas, especialmente Azurara, teriam, por baixa lisonjia, atribuido ao Navegador uma iniciativa que cabia a seu pai e a seu bisavô, D. Afonso IV. Mesquinho processo de decapitar figuras que palram a quinhentos anos de distancia...

Como ou seria algum furar ao rei para dar ao infante? Se o historiador se enrourou reticamente, perante o personagem menor, porque não o havia de fazer, perante o maior? Averiguou o maior, nas suas investigações, qualquer documento de que constasse o formidavel plágio e buria? Unicamente isto—suspeitas que não se confirmam, induções que terminam em confusões, conclusões tortuosas que se dissipam em fumo. Porque, algumas cartas do século XIV, apparecem indicadas lhas que os portuguezes descobriram, no século XV, conclui o autor da «Visão dos Tempos» que alguém precedeu o Infante, isto: he ocorrer que foi, graças ás suas expedições, que os cartógrafos retocaram o que essas cartas envelhecidas continham de vago e erroneo.

Felizmente que o renome de Sagres assenta em bases que não dependem nem das escolas, nem das facções, nem do saber aventureiro.

Foi ele, acaso, como pretendem alguns, um misero e fragil homem, victima dos erros e trevas da sua época, sem antever as perspectivas que as caravelas estendiam para a posteridade?

Aqui, pedoem-me V. Ex.ª, custame a conter o riso, com o enfado da estupenda arremetida: individuos, de pequeno formato, cujo talento é mais problematico que a existencia de Hercules ou Tesu, irritam-se, casquilhando da curteza de vistas do retrogrado que não presentiu a Sociedade das Nações, o bolchevismo, o automovel, o telefone, o avião nem a T. S. F. Esquecem-se, porém, de que he, no albor da Renascença, salvou a Europa da mortal tristeza que a minava e ensaou, até o fim das idades, o ritmo universal do trabalho e da cultura.

Das cruzadas, pouco ou nada restou, mas das Descobertas tudo está de pé, a crescer e a desentranhar-se em frutos. Sob este aspecto, nem Cesar nem Alexandre se podem igualar com ele: Portugal semeou e educou, em todas as latitudes, visitando as plagas mais remotas, ao passo que os dois conquistadores da antiguidade serviram ambições e ergueram Imperios que rolaram no pó. O estrangeiro que formulou a seguinte pergunta:

—A quem compete a prioridade nos descobrimentos?

por mais voltas que dê, tem fatalmente que abelhar-se de Sagres e interrogar os rochedos por onde o Infante, longe da corte que zombava do seu isolamento, apodado de satânico, demorou anos e anos—a dialogar com as estrelas, a escutar pescadores, a extrair das quimeras a esperança que

a atraía, a questionar os entendidos e a elucidar os ignorantes, a penetrar noticias dos seus correspondentes em Marrocos, a enviar navios para profundar o Oceano, a contrariar boatos tendenciosos e a recomendar aos superciliosos:

—Caminhai, caminhai para a frente, como homens e não como crianças!

Só um peito de ferro, poderia remover tantos obstaculos e sepultar tantos fantasmas. Entre Portugal e a Europa, havia a Espanha—muro quasi impenetravel, no qual só de longe em longe se abria uma estreita desconfiada que, a custo, nos permitia comunicar com as outras nações; um empurrao mais forte atirar-nos-lá ás vagas, nos horrores dum naufragio. O Infante, com a sua mente compreensiva e o seu inequalvel tacto politico, resolveu definitivamente o problema do nosso equilibrio:

—A Patria, pensou ele, necessita alargar-se: para leste, impossivel; mas se Deus a collocou á beira-mar, não lhe indicou claramente o seu destino? Será, pois, o mar a escola da Nação!

Assim deixamos de respirar, como as sentinelas que não mantêm num «alerta» continuo e entrámos em communhão com a terra inteira. Em vez de o mundo nos fazer a nós, fomos nós que fizemos o mundo, irmanando os mares, os continentes, as raças e as civilizações. Os navios que agora cortam o mar, em torno de Sagres, ignoram, por mau fado nosso, que all se praticou uma das quatro ou cinco grandes coisas que enobrecem a humanidade—no dizer de Oliveira Martins. Como quantos portuguezes, não se passa o mesmo!... Queo perguntar:

—Não é tempo de se restituir Sagres ao seu dono?

—Não tem o Infante direito de ocupar o Promontorio, que ele baptizou para o respeito e culto das gerações? Enquanto ele não velar no seu posto, como o eterno comandante do Mar, as ondas não de invocam o Ausente, com a toada triste—solução a desafogar-se em lagrimas—que vem da sua alma vagabunda e encantada. Peço que se confie a artistas de fé, heroldia e de pensamento subido e heroldico—a estatua de Sagres ou o monumento grandioso em que ela seja a sintese flamejante das nossas maiores esperanças.

Nada de burilado, academico ou esculpido ao gosto dos que aprendem as formas e as imagens, consoante a moda ou o ritmo parisiño: em Sagres, sobre o duro penhasco, o Infante tem de ser a expressão épica do penhasco e do Oceano. Paguemos a nossa dívida que, apesar de ser dividida de honra, é tambem confissão de amor à Patria imortal para que ela, horrandose com as nossas glorias, permaneça a fonte de moidade e nobreza que banha oito seculos da historia.

Apelo para o governo a quem incumbem ser não o chumbo que pesa, mas a alavanca que move, todas as vezes que a Nação, doída ou fatigada, despedaça a sua propria carne para resgatar o coração. Apelo para o país, na sua limpida unidade, sem divisões nem contorsões, a fim de que a estatua do Infante convide todos a dever, sem forçar ninguém a desviar o rosto.

Apelo para as mulheres, para a juventude, para as escolas, para os sábios, os artistas, os mestres e o povo humilde, porque Portugal é uma seara bendita em que cada espiga e cada grão ondula, sob o sopro da mesma brisa sagrada.

PNhamos em Sagres a estatua do Infante e junto dela a palpitante, a pulsar incansavelmente, com o tear das nossas fraquezas, o orgulho de quem não expira, á força dos golpes, mas arranca do sofrimento uma promessa de redenção.

Embora só custe 750\$, o seu retrato cinefilo será muito parecido, muito perfeito.

**FOTO-AUREA**  
Rua do Ouro, 200, 1.º

**CASOS DO DIA**

"Si Vis Pacem..."

A leitura das novidades de "Si Vis Pacem..." deixa-nos com vontade de nos adiantarmos aos acontecimentos, entrando naquele estado que justifica também o seu latim e que se resume em três iniciais: R. I. P.

Sendo, vejamos: «Novas bombas incendiárias de uma força explosiva de que os leigos não podem fazer ideia largado fogo à terra. Sabe-se, por exemplo, que bombas deste genero, pesando apenas um quilo, ao contacto com o telhado duma casa ou com o solo, desenvolvem subitamente 3.000 graus de calor. O aço que rodeia esta bomba ebrazeia e sob essa forma atravessa os andares, largando o fogo a tudo. Outras, mais pesadas, penetram profundamente na terra para destruir as canalizações dos esgotos, as condutas de gás, uma cidade inteira. Um outro novo tipo de bomba mata todo o ser vivo num perimetro de 800 a 1.000 metros...

E como muito bem diz o «Diario de Noticias», o pesadão prossegue: «Ha gases que penetram no organismo sem que a vítima dê por isso até ao momento em que os mortíferos efeitos se produzem. E que efeitos! Temos por exemplo o «gás verde», que afoga as vítimas no proprio sangue, pela súbita aflicção aos pulmões de todos os plasmás do precioso liquido. Basta! O' da guarda! Assassinos! Ai, que nos matam!

Valha-nos Jesus Cristo, Aquelle que disse aos homens para se amarem como irmãos, e para não quererem para os outros o que não quiserem para si. Ai! Socorro! Acidam!

O meu colega que escrevia estas linhas não as pôde terminar.

Tiveram que lhe vestir um colete de forças, e lá vai, coitado, a caminho do manicômio.

Uma verdade é que o caso não é para menos.

E nos, para lhe não seguirmos o exemplo, preferimos pôr ponto no assunto.

ROGERIO PEREZ

**Choque de camionetas**

No choque de camionetas que se deu ontem em São Pedro do Estoril, apenas ficou ferido por um pedaço de vidro, e sem qualquer gravidade, o «chauffeur» Luiz Reis e Sousa, que conduzia a camioneta do colegio da Bafureira, e que é um condutor experimentado e prudente.

A camioneta do colegio levava apenas o «chauffeur» e uma professora, e ia buscar os alunos a «Jacal», quando chocou com outra que vinha em sentido contrario.

**O grande exito do Trio Julmar's e a animação do Dancing, no Julio das Farfuras, do Parque Mayer**

Constituiu um autentico triunfo a estreia do Trio Julmar's, realização artistica portuguesa composta dos artistas Rahyra de Sousa, Lucinda Trindade e Julmar. Todo o programa, constante de canções, foxes e numeros excentricos, foi aplaudidissimo. Hoje, além do Trio, haverá cinema, «dancings» e sortido de valiosas surpresas. Aberto toda a noite; entrada gratis, mas seleccionada.

Lanches para casamentos

**PATISSERIE VERSAILLES**

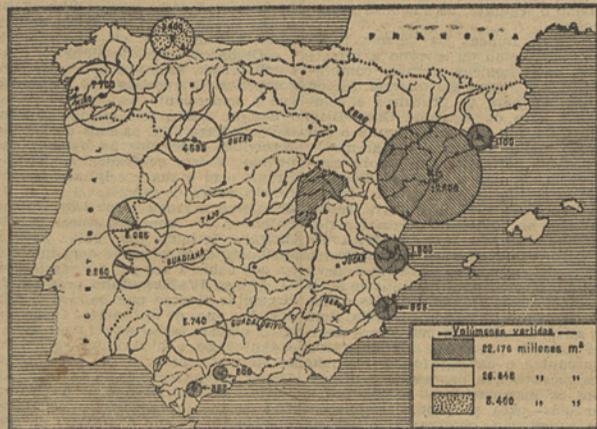
Vá vêr ap TIVO-I a

**Nova Clara Bow**  
no filme SANGUE VERMELHO

**A Cidade**

AS CORRENTES FLUVIAIS

**UM NOVO PLANO ESPANHOL de aproveitamento dos rios que nos deve pôr de sobreaviso**



Mana demonstratio do plano espanhol de aproveitamento dos rios peninsulares, conforme o artigo publicado no "A B C", de Madrid, a que abaixo fazemos referencia

Causou impressão e mereceu referencias o artigo que publicámos há dias acerca dos nossos rios e das obras que os espanhóis estão a fazer para desviar o curso do Guadiana na fronteira portuguesa.

O sr. tenente-coronel Linhares de Lima, presidente da Junta Autonoma das Obras de Hidraulica Agricola, interrogado sobre o assunto por um nosso colega, respondeu que não tinha ainda conhecimento oficial do caso, acrescentando que o organismo a que preside tomará as providencias necessarias para que sejam acatadas os interesses nacionais.

Outra coisa não era de esperar, e mais longe não foi a nossa intenção ao focarmos a actividade dos nossos vizinhos, muito de imitar e de ponderar pelo que se refere aos interesses portugueses.

Queremos acreditar que os espanhóis, ao lançarem-se no franco aproveitamento dos rios comuns, procedem dentro das normas internacionais e sem fazer segredo das suas intenções. Boa prova disto é a publicidade que ao fomento da hidraulica agricola e industrial estão a fazer os jornais de Madrid.

Assim, o «A B C» publica, em cronica assinada por Tomás Borrás—nome que dá garantias de amizade e respeito por Portugal—um novo e vasto projecto do engenheiro Manuel Lorenzo Pardo para favorecer a zona espanhola do levante—Valencia, Murcia, Alicante e Almeria—nas quais «por um góle de agua se originam crimes, e onde, em agosto, os habitantes correm leguas para encher um canteiro de agua». Lorenzo Pardo, que deu as normas para resgatar todos os rios Segura, Guadalquivir, «Tejo» e «Douro», acode em auxilio da referida re-

gião de Espanha, oferecendo ao milionario o artigo que publicámos há dias acerca dos nossos rios e das obras que os espanhóis estão a fazer para desviar o curso do Guadiana na fronteira portuguesa.

Como conseguir agua para tudo isto? São os nossos vizinhos o que dizem: «Captando-a das cabeceiras dos rios Tejo e Guadiana. Abrindo um canal entre o ponto da captação e o Júcar, no qual se verte o caudal. O Júcar leva-o até outro canal que o conduz ao Segura, e este desemboca na represa de Alarcón, da qual vai até à rede de distribuição das cinco referidas provincias da região do Levante».

Pensando talvez nos interesses portugueses, e para nos tranquilizar, diz o articulista do «A B C»: «Não se supponha que Lorenzo Pardo esgota o Tejo ou o Guadiana com o seu projecto; só 12,5 e 4 por cento da corrente desses rios se destinam ao referido desvio».

Acreditamos e aceitamos a informação e os numeros. Mas não resistimos á publicação do mapa do aproveitamento espanhol dos rios da peninsula, cujo exame deixamos os nossos interesses e para o recopertugueses oferecerá novidade.

Que isto tudo sirva para acatelaarmos os nosso interesses e para o reconhecimento da necessidade de entrarmos abertamente numa campanha de aproveitamento hidraulico, que pode ser vantajosa para a economia nacional, abrindo novos horizontes á actividade portuguesa e contribuindo até para a solução do desemprego.

Os melhores premios da Exposição Industrial: AGUA DE LUSO—Membro de Juri—COLARES SAMORA—Membro de Juri—COLARES ADEGA REGIONAL—Grande Premio de Honra—CERVEJA DO PORTO—Grande Premio de Honra—CERVEJA DE COIMBRA—Grande Premio de Honra—REFRIGERANTES LUSO—Medalha de Ouro—Depositarios: Tladeira & Neves, Lda. Telefone Norte 888

**POEIRA DA CIDADE**

**O pedido de indulto a favor da Maria do Sol**

Já depois de estar em organização o pedido de indulto para a Maria do Sol, assunto que o «Diario de Lisboa» debateru, recebemos varias cartas de apoio á iniciativa que a «Eva» está levando á pratica.

Queremos dar relêvo ao seguinte telegrama vindo do Brasil:

S. PAULO, 6.—Apresentamos ao «Diario de Lisboa» as nossas saudações affectuosas e felicitamos o seu illustre director pela iniciativa de promover um movimento de alma e coracão a favor do indulto a Maria do Sol, nossa conterranea. Oferecemos os nossos prestimos de toda a natureza. Segue uma carta em que aludimos á dignidade dessa rapariga nossa conterranea.—(a) Antonio de Vasconcelos, esposa e filhas.

**Proezas de gatunos**

O agente Hermano da Fonseca foi encarregado de fazer as necessarias averiguações sobre uma queixa apresentada pela sr.ª D. Tereza da Silva Gomes, residente na rua da Boa Vista, 63, contra uma criada que lhe roubou peças de vestuario e outros artigos que empunhou em varias casas de penhores.

Os gatunos entraram na residencia do sr. Manuel Fernandes Gueda, na travessa da Pereira, 7, 1.º, donde furtaram varios objectos de ouro. A Policia vai investigar.

O agente Anibal Costa esteve hoje a ouvir novamente o preso Fernando Salgueiro que indicou as varias casas onde tinha empunhado e vendido objectos que, conforme noticiamos, furtou a um official de marinha mercante e a varios advogados. Entre esses objectos figuram dois colchões contendo louças de grande valor e que o gatuno ofereceu por ignorar o valor de que continham.

As louças foram depois vendidas em varios leilões por 1.500\$00, e o queixo atribuído-lhes o valor de 4.000\$00.

**Oscar Monteiro Torres**

Na presidencia do ministerio, deve ser amanhã entregue uma representação, solicitando que seja erguido em Lisboa, um monumento ao glorioso aviador da Grande Guerra Oscar Monteiro Torres.

Os promotores desta justa homenagem dirigiram-se ás Camaras Municipais do país pedindo que o nome do grande português seja dado a uma rua das cidades principais de Portugal, tendo promittido atender esse pedido os municipios do Porto e Santarém.

**ARCADIA HOJE**  
Estreia da Orquestra Tipica Argentina  
**PALERMO**  
VARIEDADES

**No SÃO LUIZ o melhor dos filmes**  
**AMA-ME ESTA NOITE**  
com MAURICE CHEVALIER  
e JEANETT MAC DONALD

Veja logo todas essas agudas, gotas, azulejas e tantas outras drogas que lhe tem impingido para pintar os cabelos. Mas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente. Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magnificos trabalhos de pinturas (constatare que é só **KOMOL** KOMOL, dispondo de 18 cores á sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permilhe, em sua casa e sem auxilio de ninguém, restituir á cor natural dos seus cabelos em 15 minutos. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conseguindo que foram pintados. Caixa 25\$00

A venda nos melhores estabelecimentos REPRESENTANTE: M. CABRAL Rua Camillo Castelo Branco, n.º 20 Telefone N. 3551 DEPOSITARIO: PHARMACIA OLIVEIRA Rua da Praia, 240 Tel. 2 1416 Agente no Porto: A. QUADROS J. & C. Rua de Trax, 7, 2.º Tel. 81

**PINTAR-VOS PORQUÊ?**  
Se o AZEITE VEGETAL PERFUMADO, ASO, pode restituir aos vossos cabelos brancos a sua cor primitiva, sem os inconvenientes das tinturas e regeneradores. Aplica-se facilmente e age naturalmente. A venda nas principais casas a 5\$400.

**CUIDEMOS DAS CRIANÇAS! A criação de Parques Infantis que deve ter o apoio de todas as classes**

Já veio a publico na Imprensa a «ideia generosa»—como lhe chamou o nosso querido amigo e alto espirito que é o dr. João de Barros—da sr.ª D. Fernanda de Castro, e que visa, num sonho encantador, realizavel quanto a nós, embora difficil, criar em alguns bairros de Lisboa «Parques Infantis».

Ha beleza nesta iniciativa, beleza moral e generoso sentido pratico—de realizar o bem.

A sr.ª D. Fernanda de Castro é uma escritora, dramaturga e poetisa illustre, sem favor ou gentileza de um jornalista para uma senhora; mas é também um espirito de sensibilidade delicada, objectivamente humano, cheio de sol limpido, tal como a sua obra.

Procurámos interessados pela ideia, a poetisa de «Ante-Manhã», e ovimmo-la falar do seu sonho, tão estremitado e sentido que o seu entusiasmo se contagia.

—Esta ideia, de que estou apaixonada e de que não desistirei, não terá, talvez, um fundamento novo. Sem a gente dar por isso, todas as ideias interdependem. Mas a formula que sonhei é, na pratica, diferente de quantas se tem tentado. Os Parques Infantis terão porventura uma vaga suggestão nos parques ingleses; qualquer coisa dos magnificos Jardins-Escolas, de João de Deus, que o filho do poeta lirico do «Campo das Flores», sr. dr. João de Deus Ramos, lançou e defende. Mas não são a mesma coisa...

A sr.ª D. Fernanda de Castro, cujo «tom» de dizer, embora sereno, numa exactidão de vontade afeta a uma inspiração, não deixa de traduzir uma especie de «nobre entusiasmo», que irradia a beleza a que atrás nos referimos—lece-nos o elogio sincero dos «Jardins-Escolas» do sr. dr. João de Deus Ramos, e vê-se que o fez com uma sinceridade adoravel.

—Os «Parques Infantis» dizem-nos, não têm nada de «craques», que é outra bella função social, ou de escola de instrução ou de educação «directa», que é uma missão que o meu sonho não julga alcançável.

—Os Parques Infantis serão realmente jardins ou recantos acarinados de sombra natural, onde as crianças, de todas as classes, irão de sua livre vontade encontrar repouso, divertimento, alegria salutar (porque ha a alegria morbida da vadiagem, deixe-me empregar este termo desagradavel), ensinamento e, de certo modo, educação moral indirecta, como muito bem descreveu, no seu forte espirito subtil, o sr. dr. João de Barros, que tenho o grande prazer que tivesse compreendido o meu pensamento.

—Os Parques Infantis são livres, e democraticos, dentro da grandesa pura da palavra. Abre-se a cancela ou a porta e as crianças entram. Jogam, brincam, têm a sua refeição quente, aprendem, se querem e se têm tendencia, e habituaem-se, sob a sedução do prazer bem orientado, ao contacto de livros, brinquedos educativos, gozando de um sol e de um ar livre que ficando de um recompense, quando são muito pobres, do desconforto arido do meio ambiente em que vivem.

Nesta altura, a poetisa, que o não é apenas cerebralmente, mas que o é como mulher, fala-nos da «tristura social e fisica» dos pateos e bairros-vilas, onde se estiola, na criança, a flor da juventude.

—E' na classe média que eu faço o meu ponto de apoio. Devo dizer-lhe que para mim todas as classes são iguais—nisto sou anarquista, como as crianças...—pois o fundo da gente portuguesa é bom em todas as classes, as da chamada «sociedade» e as

**A Cidade**

**EM SANTA CLARA O JULGAMENTO DA SENTINELA de Artilharia 3 que matou um homem a tiro**

Depois de uma série de adiamentos determinados por doença do defensor do rei sr. dr. Lorena dos Santos, iniciou-se hoje no Tribunal Militar de Santa Clara o julgamento daquelle soldado de Artilharia 3 que, estando de sentinela ao seu quartel, na manhã de 2 de julho do ultimo ano, matou a tiro o cobrador Francisco Santos Vicente no momento em que a vitima se encostara a um muro proximo para satisfação de uma necessidade fisiologica urgente.

Preside o sr. coronel Nepomuceno de Freitas, tendo como adjuntos o juiz civil sr. dr. Almeida Homem e o juiz militar sr. dr. Alfredo Ribeiro da Fonseca.

Promotor de Justiça o sr. major Baeta e advogado da accusação particular o sr. dr. Campos Coelho.

A audiencia de hoje, que não deve ser a unica por ser grande o numero de testemunhas a ouvir, começou pelo depoimento do sr. capitão Tarrinho, comandante do destacamento a que o arguido pertencia.

Instado pelo sr. dr. Campos Coelho, afirmou o testemunha não ter dado, como nenhum official a podia dar, qualquer ordem que obrigasse a sentinela a transgredir o preceituado no regulamento de disciplina militar que, no seu artigo 38, n.º 4, só admite o uso das armas ás sentinelas quando no caso de aggressão pessoal ou de assalto iminente ao posto em que esteja prestando serviço.

—Matando nas condicões em que matou, o arguido, portanto, não só não cumpriu os regulamentos, como não cumpriu ordens do seu comandante—precisa o sr. dr. Campos Coelho—Melhor: não cumpriu ordens e até as transgrediu.

O sr. capitão Tarrinho, garantindo que também o cabo da guarda não dera ordem de matar, á sentinela, confirma a conclusão do advogado.

E este conduziu por outro lado o ataque da accusação.

Informa o tribunal, auxiliado pela testemunha, de que o sitio onde o cobrador foi alvejado não é pertença do quartel, mas sim da Camara Municipal, e pergunta:

—Compete ás praças de Artilharia 3 fazer o policiamento do que se passa fora dos limites do seu quartelamento?

—Pertence a todas as sentinelas—responde a testemunha—evitar que nas imediações se pratiquem imundicies.

—E nas instruções que lhes dão para cumprimento desse encargo, entra a de fazer fogo?

—Não, senhor. Dar fogo, nunca.

—«Eu lhe digo: atrair as crianças para os Parques Infantis, sabendo as mães que trabalham que os pequenos ficam mal entregues; que nos intervalos das aulas as crianças têm onde estar «fora da rua», em livre estadia, mas orientado nas brincadeiras, nas comodidades morais, e na suggestão de um ambiente melhor; nivelar, desde a meninice, a vida desculdosas dos petizes, uns em relação a outros, de diferentes meios—é um pensamento que me seduz, e a muitas senhoras que vou ter a meu lado.

—«Eu, que além dos meus cuidados de mãe e de escritora, pouco sei de politica e de sociologia, julgo que esta ideia não fica mal dentro das aspirações do nosso tempo, a que não sou alheia.

—«Os Parques Infantis não terão, de resto, pensamento de qualquer especie sociologica. Visam proporcionar o bem ás mães fornecendo tranquillidade, ás crianças fornecendo saúde, a um tempo fisica e moral. A instrução é com as escolas, a educação é com os pais e professores. Os Parques Infantis ficam fora deste objectivo, mas servem-lho indirectamente.

—«E depois, na certeza da realizacão e praticabilidade do seu sonho: —«Percebe? E' tão simples... —E acha realizavel a ideia?

—«Acho-a difficil na pratica, como todas as coisas, especialmente em Portugal. Mas é mais facil do que se supõe. Organizar-se-á uma commissão. E quem negará apoio a esta iniciativa? Em todas as classes da sociedade se encontram pessoas que já compreenderam o pensamento criador dos Parques Infantis. A Camara Municipal—interessadissima com certeza—irá fornecer o material-base: jardins, parques, terrenos, e depois facilidades. Assim o governo, pelo ministerio do Interior. Assim, o sr. governador civil. Assim, as Juntas e o seu Conselho Central. Assim, os particulares de boa vontade, e sobretudo—o Imprensa. Se tenho prazer em que os jornais agitem esta ideia, não é por mim, pessoalmente, todos me farão esta justiça. E' da causa.

A sr.ª D. Maria Fernanda diz-nos que, de começo, se principiará por um bairro, que não sabe ainda qual seja, e que já tem em vista, com as pessoas que com ela colaboram, alguns locais, de natural beleza e disposição.

E ficou tal uma criança, contente por ver que a sua ideia se agita, num bom sentido de realizacão.

Como a entrevista da sr.ª D. Fernanda de Castro é de qualquer maneira uma resposta—aldis enabillissimo—ao artigo ontem publicado do nosso colaborador João de Barros, entendemos dever comunitar-lha. Garotos ás expressões de apreço da illustre escritora, João de Barros penitencia-se de ter attribuido á ideia amoravel de D. Fernanda de Castro uma amplitude educativa e um intuito reformador da mentalidade jovem de Portugal, que ela realmente não pretendia afirmar. Trata-se duma simpatica obra de proleção á infancia, o que já vale muitissimo. Não ha que lhe propor modelos. Ha, simplesmente, que apoi-la e applaud-la.

O sr. dr. Lorena dos Santos, na defesa, começou por salientar a declaração já feita pela testemunha de que o soldado Carlos Rodrigues dos Reis, que assim se chama o rei, não é, pelos seus antecedentes de vida capaz de matar, deliberadamente, e por ante os juizes um argumento que é um pormenor interessante: o clima, o ambiente em que se vivia então nos quartéis e mormente em artilharia 3, queixavam-se repetidas vezes de que certos individuos que nunca se averiguou quem eram porque fugiam a

tempo, as insultavam com palavras obscenas á mais ligeira repressão que se lhes fizesse. Chegaram, mesmo, á insolencia de lhes mostrar pistolas em attitude de ameaça.

—«E' isto verdade? —Absolutamente. Tão verdade, que chegamos a pedir á Policia que nos auxiliasse na repressão de tais desmandos.

—«E a Policia? —Desinteressou-se por completo. Não queria intrometer-se nas questões entre civis e militares. E ninguém dirá que tais factos constituam além de uma vergonha, um desprestigio para a autoridade.

—«Quiz saber depois a defesa um pormenor mais a que chamou o ponto nevrálgico da questão? —«E' certo que havia instruções escritas, confidentiais, no regimento? —«E' certo.

—«Pode o Tribunal saber o que diziam? —«Sendo confidentiais... E só se pode saber, a tal respeito, que as aludidas instruções se extraviaram por negligencia de um dos cabos da guarda.

O sr. dr. Almeida Homem, considerando importantissima esta revelação, quiz e obteve a respeito dela um esclarecimento: nas tais instruções confidentiais não se continha determinação alguma que fosse de encontro á prohibição regulamentar de fazer fogo.

Na sequencia da audiencia, cujo relato temos de abreviar por carencia de espaço, averiguou-se depois que a sentinela não podia, da guarda em que estava, fazer-se obedecer sem recurso á intimidação, que o cabo da guarda, para intervir teria que percorrer uma distancia de cerca de 600 metros, e que muitas vezes, por deficiencia de tempo, os soldados acabam o tempo de recruta sem a preparacão devida para o manejo das armas.

Teria o arguido disparado a espingarda numa atropalhacão ou numa crise de nervosismo?

A defesa pretende que sim. A accusação, naturalmente, pretende o contrario.

E na destreza destes dois criterios se cifra o julgamento que continua á hora de fecharmos o nosso jornal.

**O monumento ao Infante D. Henrique**

Enviaram telegramas e cartas ao nosso director, a proposito da sua conferencia sobre o Infante D. Henrique os sr. dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga; dr. Caldeira Coelho, Oscar Forjas, Mario de Aragão, Joaquim Negro, D. Edméa Kruss, Monsenhor Gustavo Couto, dr. Tomás Ribeiro Colaço, etc.

A todos os nossos sinceros agradecimentos.

**O Porto-Lisboa de football**

Para constituir a selecção de Lisboa, que joga contra o Porto no dia 12 do corrente, realiza-se amanhã, no campo do Estadio, pelas 16 horas, um treino entre dois grupos escolhidos pela Comissão Technica da Associação de Football de Lisboa.

As entradas são pagas, ao preço unico de 150 sem distincão de lugar, sendo o produto destinado a custear a despesa do treino.

**Violencia escusada**

Acêrca de uma noticia publicada, sob o titulo Violencia escusada, comunicamos o sr. Manuel Pereira da Costa, juiz de paz da freguesia de Santos-o-Velho, que, no caso a que a noticia se refere, como em todos aqueles em que intervem, se limitou a cumprir o que determinam as suas funções.

DAVID & DAVID anunciam a chegada duma enviada especial da «ELIZABETH ARDEN» que dará a casa gratis ás suas Ex.ªs Clientes de 6 a 10 do corrente.

## A BIBLIOGRAFIA HENRIQUINA.

# A fala do Infante D. Henrique e de mestre Pedro

## na peça histórica "Divino Amor," de Mario Monteiro

A propósito do movimento nacional, que começou a criar vulto, a favor da ideia patriótica de se erguer em Sagres um monumento ao Infante D. Henrique, achamos oportuno transcrever uma cena da peça histórica em verso do dr. Mario Monteiro, «Divino Amor», em que a figura do Infante aparece restituída á sua verdadeira grandeza.

A acção decorre em Sagres, depois da segunda viagem a Ceuta, até á chegada da nova da descoberta de Porto Santo. É uma cena do II acto, aquella que transcrevemos. Decorre num cenário de praia. Rochedos abruptos enquadram a cena, cortados por veredas. Vê-se um cruzeiro tóscico assente sobre uns degraus de pedra. Ao fundo, o mar. Ao cair da noite. Dialogo entre o Infante e mestre Pedro. Um é a vontade firme, a resolução inabalável, o sonho de grandeza a caminho da realidade. O outro é a voz recessa do povo, o temor de perigos invisíveis, a hesitação natural da ignorancia. Vejamos o que eles dizem:

## CENA IV

INFANTE e MESTRE PEDRO que entram pela E alta

INFANTE sorrindo desdenhoso, pára voltando-se para a D. alta

(Gesto de partir)

Não conheces o mar... é fragil como um vime!

MESTRE PEDRO grave

Que o Senhor os proteja!...

INFANTE olhando-o sorridente

Hels-de vê-lhos voltar

Sossegal, sossegal... em breve hão-de chegar...

MESTRE PEDRO duvidoso

Perdi as esperanças!...

INFANTE fitando-o espantado

O Mestre que diz?

MESTRE PEDRO encolhendo os ombros

(Com amargura)

O que digo, Senhor?! Que o povo é bom juiz...  
Voz populi, voz Dei... Nunca viu com bons olhos  
A vossa cruz de Cristo a procurar escolhos  
Por esse mar além!...

(Triste)

E eu acho-lhe razão...

(Pausa breve)

Vivels fóra do Paço alimentando, em vão,  
Um sonho que vos traz, ha muito, embevecido!  
Enclausurado aqui, gostais desse bramido!

(Gesticulando)

Que o mar solta, de noite, altivo e belicoso!  
Olhais já com desdem esse viver ditoso  
Lá nos salões do Paço, ao pé de vosso pai,  
Para quê? Para quê?...

INFANTE num assomo de colera

Para quê?!...

MESTRE PEDRO humilde

(Pausa)

Eu falo pelo povo... e causa-lhe estranheza  
Esse vosso desdem p'lo fausto, p'la riqueza  
Que tendes como Infante, e diz, á boca cheia,  
Que tal desprendimento é-mal urdida tela  
Onde o q'reis enredar buscando simpatias...

(Pausa)

Censura amargamente as vossas fantasias  
Ao ver partir, de subito, á mercê do vento,  
(Pausa, cismando)  
Os pobres mareantes...

Que grande tormento!...

(Suplicante)

Mudai vossa intenção, mostrai desprêzo ao mar!  
O sonho de grandeza que vos faz cismar  
Tudo o que vós sonhais, Senhor, só faz sofrer  
Quem nunca vos fez mal...

INFANTE com desprendimento

Tendes mais que dizer?!

MESTRE PEDRO respeitoso

O povo é que diz isto...

INFANTE com ironia

Ái, diz? pois diga ao povo

Que muito lhe agradeço e muito mais o louvo  
P'la sua sensatez e lucido critério

(Sorrindo)

Mas hei-de conquistar, vencer o tal imperio  
O reino dos jolófos...

(Pausa)

Diga-lhe tambem

Que penso em caminhar,  
(Gesticulando)

ávante, para além...

E que hei-de conseguir vencer em todo o mundo  
Passando sorridente sobre o mar profundo,

(Indica o mar sorrindo irónico)

O monstro, esse terror que só vos causa medo

Abismo colossal que tem tanto segredo!

O imperio de Marrocos 'stá-me a seduzir,

O do Prestes João convida-me a partir!

Não sei como termina essa africana terra

E quero saber tudo, tudo o que ela encerra!...

Ir dilatar a Fé por esses reinos fóra

E' conduzir á treva a meiga luz da aurora!

(Gesticulando)

O culpado é o mar que brinca, ali, tão perto!

Se estivesse mais longe, amigo, estou bem certo

De que não pensaria em q'rer descobrir terras

(Fazendo pausa)

Andaria p'lo reino em trabalhosas guerras...

(Gesticulando)

A nossa posição, assim, á beira mar,

Desafia-nos, Mestre, a vér e a conquistar...

MESTRE PEDRO agourento

Desafio que leva a flór da juventude!...

INFANTE para Mestre Pedro num gesto largo, indicando o mar pela D alta

E q'reis gloria maior que ter tal атаде?!

(Pausa. Olhando com insistencia para a D alta)

Lá vem Mestre Guedelha, o fisico de El-rei,

O astrologo melhor que tem a nossa grei!

E' pena ser judeu!...

MESTRE PEDRO olhando na mesma direcção

E' verdade, lá vem...

INFANTE grave

Se traz informações que venha só por bem!

(Pausa. Cismando)

Que me diz de D. Nuno, o leal condestavel?

MESTRE PEDRO triste

A nova que vos dou é bem desagradavel...

INFANTE num repente, interessado

Porquê?! está doente o nobre cavaleiro

Que foi de El-rei, meu pai, amigo e companheiro?!

MESTRE PEDRO com um gesto afirmativo

Amigo sempre foi! Amigo bom leal!

Como ninguém teve outro, ainda, em Portugal!

Tenho ouvido falar em muitas amizades

Mas em todas, Senhor, eu vejo falsidades!

(Esboçando um sorriso)

Amigos, neste mundo, é coisa que não ha...

Eu só tenho um amigo

(Batendo no peito)

é este que aqui 'stá

(Mirando-se todo)

Só nele eu posso crêr... não me ilude, é sincero!

Anda sempre comigo e só faz o que eu quero...

(Grave)

Inveja vosso pai! Foi muito mais feliz!

Pois teve o condestavel e o mestre d'Aviz!...

Fôram ambos leais... Succedea-lhe uma vez!

Talvez já não succedea ao povo português

Das gerações futuras... Foi uma excepção!

A regra é não haver amigos sem traição!...

INFANTE desviando a conversa

Mas, falando em D. Nuno...

MESTRE PEDRO narrando

Já velho e alquebrado

Habita em suas terras, sempre contristado

Pela morte da filha. Não fala a ninguém

A unica alegria é a 'sprança que tem

De ser um dia, Frei, de vir a professar

No convento que fez.

INFANTE triste

Já era d'esperar...

MESTRE PEDRO duvidoso

Nunca mais, julgo eu, ajudará El-rei

No féro pelear...

INFANTE convicto. Entusiasmado

Embora seja frei

Ha-de ser sempre o mesmo, o heróico D. Nuno

Ainda o ha de vér no momento oportuno

Aqui, ao nosso lado...

(Põe-lhe a mão no ombro)

é 'sperar Mestre amigo,

D. Nuno ha-de voltar...

(Altivo)

Quando houver um perigo

# Viagem a Angola

## Paraiso africano

DUQUE DE BRAGANÇA, dezembro. — Se fosse possível transportar para a metrópole estas florestas do Cazengo onde a gente de delícia com uma aragem doce e acariciadora e as quedas do Duque de Bragança, onde a enorme massa do Lucala se precipita de 97 metros de altura com um fragor que a gente ouve a centenas de metros de distancia, tínhamos feito de Portugal um grande país de turismo. O que são as florestas da Alemanha e da França e os prados holandeses ao pé da beleza incomparável de toda essa região que vai de Delantando a Malange? O que é aquela cascatinha do Ebrano, em Schaffhouse, que anualmente atrai milhares e milhares de turistas, diante do espectáculo estonteante do Lucala?

Mas deixemos essas belezas sem per, e vamos ao Amboim, onde o coronel Bento Roma, nos espera com um precioso almoço e com os automoveis arfando de impaciencia para ele mesmo nos ir mostrar pelas estradas, andando a montanha, a admirável organização das varias roças sob a administração e dos seus hospitais indigenas, dirigidos por um medico tostado do sul africano, o dr. Silva Freitas, mas agarrado á Africa como uma ostra a uma rocha.

Aqui ha uma particularidade interessante que convém revelar. O hospede da fazenda Boa-Entrada foi apetrechado com um mobiliario perfeito e resplandecendo de modernismo. Mas a empreza teve que deltar fora os envergados foi obrigado a mandar fazer estradas de madeira para pôr sobre os colchões de arame, porque não foi possível habituar os indigenas a camas macias...

Deixado o Amboim, fomos pernoitar a Gabela, vilasinha perdida entre o arvoredo, cheia de graça e de beleza, e cuja municipalidade aguardava a nossa chegada para inaugurar a electricidade.

De Gabela a Nova Lisboa tinhamos uma «clapa» de 40 quilometros a vencer e por isso resolvemos parar em Cela, no posto administrativo onde nos estava reservada uma caçada e uma surpresa encantadora.

O chefe do posto, o sr. M. da Silva Graça, sobrinho do falecido director do Seculo, estabeleceu ali, junto Robinson, um ninho florido e romantico.

E' ver uma casinha com um alpendrado á roda, por cujas colunas sobem trepadeiras e macrédulas e dentro dum jardim onde as rosas tomam uma boa parte dos talhões, para se adivinhar a casa do sr. Silva Graça. Lá dentro as mãos de sua mulher organizaram um delicioso bem estar, que só se explica junto dos grandes centros de civilização. Nada ali falta, desde as vastas cadeiras, comodas e elegantes, feitas pelos indigenas, sob a direcção do dono da casa, ás alfomadas reais onde se encontra o bem com delicia, e todo aquele ninho de amor é completado pela presença de uma criança encantadora, de três anos, filha desse feliz casal, que, em plena mocidade, deixou Lisboa para ir viver na solidão africana, sem pressa de voltar.

O genio construtivo do sr. Silva Graça acaba de dar uma grande prova de senso pratico.

O posto, que tem apenas duas casas, a do chefe e a do administrador, não tinha electricidade. Pois bem, o seu chefe, val em breve obtê-la por uma azenha, que ele proprio construiu e a que adaptou três velhos motores de automoveis, e cujo caudal foi buscar a 7 quilometros.

Antes porém da agua entrar na turbina, passa por um lago que Silva Graça construiu, para, ao pôr do sol, passar numa pequena barca sua esposa e a sua encantadora filha.

### GUERRA MAIO

## Conferencias

Realiza-se na proxima sexta-feira, pelas 21 e 30, na Universidade Popular Portuguesa, rua Luis Dourbet, a 2.ª das conferencias sobre «Grandes figuras morais contemporaneas», sendo conferente o illustre professor sr. Emilio Costa, que dissertará sobre o Euseu Reclus. A entrada é livre.

## ARTE MUSICAL

# O CINQUENTENARIO DE WAGNER

A «Arte Musical», proseguindo na publicação dos seus magnificos artigos de fundo, apresenta no seu ultimo numero a cronica referente ao cinquentenario de Wagner, que passou a 13 de fevereiro e cujas comemorações só agora terminaram.

Dessa cronica, mais uma vez se depreende o que todos os «avançados» vêm repetindo nestes ultimos anos: que Wagner está «démode», desactualizado, desprestigiado mesmo, apesar do genio peregrino que não oscaim negar-lhe. A cronica, num resgo de valentia, até acaba afirmando que Wagner foi o musico do futuro, porque, sem ele, não teria havido um sonatorio tão completo dos quaes conceitos de arte contra os quaes esse futuro teve de ser construido.

Ora nós não pretendemos tomar posição nem contra nem a favor de Wagner musico do futuro, com ou sem soifismo. Simplesmente, parece-nos cedo para afirmar que qualquer «futuro musical» foi já construido. E principalmente não cremos que seja definitivo esse desprezo pelo romantismo, desenfreado do animador de Beiruth; antes cremos que Wagner vem sofrendo as consequências da incitacção wagneriana que seguiu o triunfo do seu duro combate. Não ha que confundir a obra de arte de Wagner com a ideologia de Wagner. O seu romantismo, desenfreado, sim, exprime-se através duma linguagem musical tão ordenada e arrumada como o maquiagem dum relógio. As suas intencões dramaticas serão sempre realizáveis, seja depois de qual prazo for, por alguém que disponha duma tecnica razoavel e da base instrumental que serviu a Wagner. Sob esse prisma, Wagner é um classico, e não um romantico no sentido desprestigiado do termo. As suas palavras, os seus panfletos, os dogmas que quis impôr foram tão transitorios como é transitória a vida humana—mas a sua obra musical, essa, se conseguirem agora «enterrar», e calar-la bem e fiada, ao ser examinada dentro de outros tantos cinquenta anos, (se não for um ou dois seculos), causará o mesmo espanto que causou Bach ao publico fanatizado por Mendelssohn, a Nona Sinfonia divulgada pelo proprio Wagner, a polifonia de 1.500 resuscitada por Charles Bordes, graças aos trabalhos dos monges de Solesmes, certas reposições de Gluck, de Mozart, de Monteverdi.

Que importará o que Wagner quis, o que Wagner pensou? Tanto mais que nem a sua moralidade nem o seu temperamento só garantia de qualquer isenção ou qualquer fé sincera! Importa apenas o que ele realizou—sem prejuizo de todas as outras modalidades artisticas, é claro, e independentemente da linguagem mais apta a traduzir a sensibilidade moderna. «O que ha de excessivo, de exagerado no seu romantismo», como diz a cronica

em questão, não é quanto a nós nem excessivo nem exagerado, é apenas cultivação—posto que nem quebra o equilibrio da forma, nem impede a existência duma estética musical de primeira grandeza. Quanto á sua faculdade orquestral, se afinal pode prescindir de parte das exigencias instrumentais que inovou, tanto melhor para os futuros wagnerianos e para o proprio Wagner.

Admirou-nos nessa cronica ver o impressionismo considerado emais romantico do que o romantismo. Porque? Porque o impressionismo, conforme o seu nome indica, vive da impressão, evocação, suggestão directa que exerce? Mas isso de modo algum é razão sufficiente. O romantismo é uma feição caracterizadamente sentimental—e quantas vezes o impressionismo prescinde absolutamente de qualquer sentimentalismo! Não confundamos, é claro, «sentimento» com «sensação». Bem sabemos, logo que se quer aprofundar a coerencia da terminologia e a exactidão das definições, surgem embaraços, duvidas, confusões; e se o impressionismo pode ser romantico, tambem o romantismo pode ser classico, e tambem o classicismo, que tanto seduz a geração nova, é susceptivel de revestir-se de varios estilos, nem todos de tão apurado gosto.

Só esperamos agora que nos considerem uma triste «bota de elastico»... Outra coisa não espera decerto quem não sente a necessidade de combater a «Wagneria» que se tornou «Wagnerismo», mais ainda quem continue a dar-lhes lugar de honra ao lado de todas as formas de arte imortedoras. Se os pontos concretos da teoria wagneriana caducarem, como caducam todas as teorias especulativas, não impede que nesta ou noutra altura teorias equivalentes tornem a avassalar os aspirantes a «arquitectos do futuro».

E porém, no fim estamos todos de acordo, pois tambem consideramos que o wagnerismo deu em si mesmo tudo o que tinha a dar. E essa, a sua maior gloria talvez, é ao mesmo tempo a prova evidente de que nunca poderia contagiar outro artista em fase criadora.

FRANCINE BENOIT

### Concerto em 5. Carlos

No dia 12 realizou neste teatro a Academia de Amadores de Musica o segundo concerto da direcção do maestro Pedro Blandim, da serie de concertos classicos que organizou para esta epoca.

Neste concerto além da orquestra da Academia em numero de 50 executantes; reforçada com professores, que executará a «Sinfonia em mi bemol», de Mozart, apresentará-se á eximia pianista portueusa, D. Helena Moreira de Sá Ferreira da Costa, que executará a solo «Nocturnos, de Fauré; «Andante spianato e Polacca, de Chopin e, acompanhada da orquestra, o «Concerto em sol menor», de Mendelssohn.

### Um divorcio provocado pelo bom humor do marido

LOS ANGELES — Fevereiro — O sr. J. N. Johnson deve ao seu constante bom humor o desarranjo da sua vida conjugal. Ria-se ao ver um novo penteado de sua mulher, ria-se de todos os vestidos, e tambem até se ria quando ela deixava queimar o arroz. Por fim os nervos da sr. Johnson não puderam resistir mais e apresentou o pedido de divorcio. O juiz decretou-o, alegando o seguinte motivo: «Uma hilaridade morbida pode occasionar maior tormento a uma mulher que os mais tratos, porque é ainda mais brutal.» —United Press.

### O desenvolvimento febril da aviação japonesa

TOQUIO — Fevereiro — A industria japonesa de aviação trabalha energicamente para poder entregar as grandes encomendas de aparelhos civis e militares. Nas maiores fabricas desta industria, trabalha-se dia e noite em turnos continuos, os salarios dos operarios, escreve um grande jornal japonês, «Recordam a alta conjuntura da guerra mundial».

O porvir da industria japonesa de aviação parece estar assegurado por largo tempo. O Estado Maior do Exercito está quasi decidido a realizar o seu programa para augmentar a arma aerea e o aviação civil porque necessita tambem de um grande numero de aeroplanos necessarios para estender o seu trafego á Coreia, Manchuria, China e Formosa. —(United Press).

### Tic-Tac.

O popular semanario infantil «Tic-Tac» acaba de publicar um numero especial, com 111 paginas, para augmentar a animação do seu leitorado. A folha dum leucomotiva americana, a mais completa construída de zmar que se tem publicado em jornais portuegueses.

# A MODA

## Cronica feminina

LONDRES, fevereiro 3. — Inevitavel que pareça, é um facto que as tradicionais «finitas» para homens na Inglaterra estão possuídas duma grande paixão de reformar anteriormente em preciso uma luta para fazer-lhes aceitar a mais pequena inovação, hoje não ha novidades e reformas suficientes para eles; usam até aventurar-se num terreno tão perigoso como o de adoptar cores com efeitos novos pictóricos.

O imortal Beau Brummel (George Bryan) e o seu antecessor Beau Nash entroncharam-se-lhe perante tanta fantasia e vivacidade de cores, os alfaiates Ingleses desenvolviam agora um «gosto» para a aparência mais tarde nas suas proximas novidades. As queixas sobre a monotonia do vestuario masculino, sobre o tom e desenhos de aborrecida uniformidade que a moda masculina apresenta, o retraimento no que respecta ao corte, parecem que finalmente foram atendidas pelas ditadoras londrinas da moda.

Savile Row escutou as queixas e, seguindo o exemplo mais ou menos felices das modas «novas». Se as coisas succederem conformemente a sua vontade, as damas surpreender-se-ão ao ver como de improvizão apparecem entre a moda masculina as cores que antes se empregavam nos vestuarios masculinos de gala.

Os alfaiates vão começar a adoptar esta moda nos vestuarios de sport, cujas tradições são menos antigas e menos sagradas que as dos trajes de passeio e sociedade. Em vez dos sapatos brancos de «jennins», apparecerão na proxima estação sapatos de cor verde pistão, «Fallowers», camisas de «sport», trajo de «golf», e outros semelhantes, serão feitos de cores que, imitando as das senhoras, se chamarão rosa-coral, rosa-fogo, rosa-vinho, «Pompador», rosa-índia, etc.

Porém em Londres considera-se neste momento como a questão mais primordial operar uma revolução na moda dos chapéus. Os homens já toleraram demasiado tempo a moda dos chapéus cinzentos com a aba deitada para baixo á frente—dizem os chapéulheiros londrinos. Este modelo, que tem especial predilecção entre os «gangeters», deve desaparecer. O novo modelo para a futura moda já está acabado: porém os chapéulheiros não quizeram ainda apresentá-lo ao publico. Podemos averiguar que se trata de um chapéu «m» a aba fortemente enrolada em toda a volta, com o formato comprido da cabeça. Em geral, são de cor verde, muito embora tambem se façam douradas cores.

Segundo se diz, os chapéulheiros mais distintos de Bond Street, trabalharam mais de seis meses para elaborar a forma do novo modelo. O Principe de Gales lançou-o no novo chapéu, que já é ansiosamente esperado pelo sexo masculino. E se realmente o Principe o usar, o chapéu, no menos na Inglaterra, estará na moda.

Ao mesmo tempo que este modelo de chapéu, apparecerá no mercado uma pequena novidade tecnica, destinada a proporcionar prazer aos homens cujo feltro de cabeça não seja perfeitamente oval. Em vez da tira de cabedal que se usa interiormente em volta do chapéu, esse irá provido duma tira dum material duro que, debaixo da influencia do calor da cabeça, se adapta exactamente á forma dela. Ao esfriar de novo, a tira retoma a sua primitiva forma e faz com que o chapéu nunca se deforme.

No sortido completo das modas para cavalheiros, encontram-se tambem os trajes caseros e pijamas. Nestes a moda das cores vivas e brillantes não tem limite. Se, segundo o exemplo das costuras de se-berthas, se queirem dar nomes a cada modelo deste genero, alguns chamar-se-ão «sol nascentes», ou «raia prodigiosos». Outro tanto se pode dizer da roupa interior, para a qual as cores mais em voga são as cores de pastel.

## Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 57, 1.º  
Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273  
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO  
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES  
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVIA TAVARES  
BIBLIOGRAFIA DE MAPRA, por JOAO PAULO FREIRE (MARI)

Quer a sorte grande? Nabito-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

# JÁ REPARARAM



na marca das lampadas que estão instaladas em vossas casas?

Veriquem se elas são lampadas duvidosas que hospedam

## O Comitão de Corrente

Se for assim não conservem por mais tempo essas lampadas!

**EXPULSEM O COMILAO DE CORRENTE!!!**

No vosso interesse usem sómente lampadas de qualidade

# LAMPADAS PHILIPS

**POUPAM A VISTA E O CONSUMO DE CORRENTE**

### Portugal não é ibérico

por FRAN PARECO. Trecho dum carta do insigne filólogo F. Kruger, catedrático da Universidade de Hamburgo e director do Seminário de Línguas Românicas—O trabalho de v. é mais uma contribuição para ajudar a resolver alguns dos mais delicados e apaixonantes problemas da Península.

A venda em todas as livrarias. Depósito na Livraria Rodrigues, rua do Ouro, 188.

**Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115**

### Mercado em Evora ás terças-feiras

Para o importante mercado que se realiza ás terças-feiras em Evora, foram criados há tempos bilhetes de ida e volta para viagens em caminho de ferro, a preços muito reduzidos. Estes bilhetes vendem-se em todas as estações compreendidas entre Evora e Vendas Novas, Vila Viçosa, Móra, Reguengos de Monsaraz e Souzel e dão direito ao transporte gratuito de volumes que possam ser acomodados de baixo dos bancos ou sobre as rodas das carruagens.



## Francisco Caetano da Silva FALCÃO

Maria do Carmo Andrade e Silva, seus filhos e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizades o falecimento do seu muito querido marido e pai, o qual se realiza na quarta feira, 8 do corrente, pelas 15,30 horas, saindo da rua do Arco do Cego, 24, 3.ª, para o cemitério oriental.

Trata Ribeiro & Irmão, rua Arco do Cego, 26. Telef. N. 1536.

## Teatro Avenida Hoje e amanhã

Ultimas representações de Despedidas da revista  
**O Noivo das Caldas Tu cá, Tu lá!**

Quinta-feira 9 Sabado 11  
Recita do actor Antonio Palma Recita dos camaroteiros

**O SENHOR ROUBADO AROUCA E SILVANO**  
Programa variadissimo

## ARMAZEM DE MOVEIS DO CALHARIZ

Paixão, Carvalho, Lda.  
Maples em todos os estilos, e qualidades. Mobílias em todos os generos. Papeis pintados dos mais variados e modernos desenhos. Mobílias de escritorio genero americano. Oleados. Carpetes. Fassa-deiras e Cortinados.  
OFICINAS DE MOVEIS E ESTOPOS — ACEITAM-SE TODOS OS TRABALHOS — LARGO DO CALHARIZ, 27 — Telefone 2.3413



## O SUISSO ATLANTIC HOTEL

Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para familia. Condição unica pelo socego — R. da Gloria 3. Tel. 21926.

**Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115**

Almoços e jantares á carta. Preços de concorrência. Serviço primoroso. "Chic". — Restauradores 20.

## CARTAZ

### TEATROS

S. Carlos—A's 21 e 30—Os hospedes da D. Epifania.  
Nacional—A's 21 e 30—O homem das calças pardas.  
Avenida—A's 21 e 30—O noivo das Caldas.  
Capitolo—A's 21—Cinema e variedades.

### CINEMAS

São Luiz—A's 21 e 30.  
Cinema-Ginnasio—A's 21 30.  
Tivoli—A's 21 e 30.  
Odeon—A's 21—Cinema e variedades.  
Condes—A's 21 e 30.  
Chiado Terras—A's 21 e 30.  
Relaxio—Rua Filinto Eliseo, a Santo Amaro Cine Palacio—A's 21 e 30.  
Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario Olimpia—Sociedade continua das 14 e 30 sa 24.  
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Dominic e Sequeira Royal—A's 21 e 30.  
Cine Ideal—A's 18.

### Café-Restaurante «Chic»

Almoços e jantares á carta. Prato do dia abundante e variado. A's sextas feiras bacalhau á «Chic».

### PRAIA DA ROCHA

S. A. R. L.  
Convoco o Assmbléa Geral ordinaria de esta Sociedade na sua sede a Praça do Rio de Janeiro n.º 32, 2.ª, para o dia 23 de Março, pelas 15 horas a fim de apreciar o relatório da Direcção e parecer do Concelho Fiscal sobre as contas do ano findo, para eleição dos lugares vagos na Gerencia, e para tratar de quaisquer outros assuntos que interesse á Sociedade.  
Caso não haja numero para a assembleia funcionar, desde já fica convocada nova reunião para o dia 7 de Abril proximo, no mesmo local e hora e para o mesmo fim.

O Presidente Miguel Crespo

### Beneficencia da Freguesia de S. Mamede (Instituição Particular)

Convoco os subscritores para reunirem em Assembleia Geral, e pelas 21,30 horas (9,30 da noite) do dia 11 de Março, na sede da Beneficencia, Rua Alexandre Herculano, 119, 1.ª, para discutirem e votarem o relatório da Junta Administrativa e o Parecer da Comissão Revisora de Contas referentes a 1932, e para elegem a Junta Administrativa, Comissão Revisora e a Mesa da Junta Geral (Assembleia Geral).  
Lisboa, 1 de Março de 1933.

O Presidente da Junta Geral Dr. Mario de Sousa Melo Neuparth

### SORTES GRANDES?

só a casa COSTA, LDA, as vende

60-Rua da Prata-62

### Excursões ao Algarve promovidas pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

No proximo sabado, ás 9 e 15, partirá da estação do Terreiro do Paço mais uma excursão ao Algarve, promovida pela C. P., aproveitando a época em que o soberbo espectáculo das amendoeiras em flor dá a paisagem um caracter inconfundivel.

O programa, que será executado em 3 dias, permitirá visitar os pontos interessantes do Algarve como sejam Faro, Tavira, Portimão, Lagos, Silves, Olhão, Estoi, Sagres, Cabo de S. Vicente, Caldas de Monchique, Monchique, Estrada de Saboia, Albufeira, Praia da Rocha, Castro Marim e Vila Real de Santo Antonio.

O preço por pessoa, compreendendo bilhete de 2.ª classe no comboio, auto-car, alojamento, refeições e gorjetas, é de 310\$00. Apenas as bebidas serão pagas aparte pelos excursionistas.

Nas duas noites que passam no Algarve, ficarão os excursionistas no Grande Hotel da Praia da Rocha, o melhor do sul do país.

A inscrição está aberta no escritorio de informações da Companhia—estação do Rossio, 1.ª andar—onde o programa completo esta patente. As pessoas residentes na provincia podem inscrever-se nas condições indicadas no cartaz n.º 1862 de 25-1-33 que concede a acquisição de bilhetes para percursos complementares de ida e volta com 45 0/0 de redução entre a estação desta Companhia mais proxima da sua residencia e o ponto onde se incorporam na excursão por carta registada, acompanhada da respectiva importancia em vale do correio, á ordem da Delegação para o Turismo da C. P., dirigida com 7 dias de antecedencia a mesma Delegação—estação do Rossio, 1.ª andar, Lisboa—indicando claramente o nome e morada para lhes ser confirmada a inscrição ou qualquer alteração que haja.

A inscrição encerra-se, na ante-vespera da partida das excursões, ás 17 horas.

Em todas as estações da Companhia serão dadas informações ao publico sobre estas excursões.

### Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima de Responsabilidade Sêde: Calçada do Duque, n.º 26—Lisboa

Entrega de Ações Privilegiadas  
São avisados os portadores de certificados provisórios de ações privilegiadas de 100 francos, que effectuaram os seus depositos de obrigações par adessão aos Estatutos desta Companhia até 15 de Dezembro de 1932, que podem desde já reclamar a entrega dos respectivos titulos definitivos nos locais onde effectuaram os referidos depositos de obrigações.

Em Lisboa:  
Sêde da Companhia.  
Banco de Portugal.  
Fonseca, Santos & Viana.  
No Porto:  
Filial do Banco Lisboa & Açores.  
Lisboa, 18 de Fevereiro de 1933.  
O Presidente do Conselho de Administração Ruy Nunes Ulrich

**FUNERAES** - TEL. 1094 N.  
**MARIO MILHEIRO**  
 RUA DOS ANJOS, 131  
 SERVIÇO PERMANENTE  
 PREÇOS RESUMIDOS

# ESTRANGEIRO

**Dr. Armando Narciso**  
 Clinica medica  
 PRACA RESTAURADORES, 48, 1.º  
 Telef. 21738

## POLITICA ESPANHOLA

### O ministro do Interior demittiu-se mas retirou o pedido

MADRID, 7.—Corre nos circuitos politicos o boato de que no conselho extraordinario de ministros que ontem se realizou, o ministro do Interior apresentou a sua demissao, que lhe foi recusada, com o fundamento de que a coesao entre todos os membros do governo se impunha neste momento. Casares Quiroga conformou-se segundo consta, mas é possível que volte a apresentar a demissao, para o que alegaria, desta vez, razoes de saúde.—(Havas).

### Homenagem a um deputado

GRANADA, 7.—Os correligionarios do deputado radical-socialista Lopez Doriga, ex-decano da catedral e recentemente excomulgado e privado das suas regalias ecclesiasticas pelo facto de ter votado a lei do divorcio, ofereceram-lhe um grande banquete, como protesto contra a attitude das autoridades religiosas.—(Havas).

### A Italia fornece á Hungria material de aviação

PARIS, 7.—O «Echo de Paris», que ha tempos assegurava que a Italia entregara á Hungria 195 mil toneladas de gases asfixiantes, afirma hoje que uma fabrica instalada em Sofia no principio de 1932, pela casa italiana Caproni, fabrica desde então avião de guerra para o governo bulgaro, na media de 45 a 50 aparelhos por semestre. Trata-se de avião de reconhecimento e bombardeamento de dia e avião de bombardeamento trimotores.

O mesmo jornal acrescenta que, além de 48 aparelhos militares já entregues anteriormente pela Italia á Hungria, a Italia enviou para a Hungria no dia 20 de janeiro duas esquadilhas completas de avião de bombardeamento, ou sejam 12 avião trimotores, que, como os anteriores, levaram a sua completa. A bomba de cada avião é dotada dum dispositivo para a emissão de nuvens de gás.

O «Echo de Paris» preveja que as esquadilhas partiram do campo de socorro de Tolmezzo e atraram em Szombathely.—(H.)

### Os emigrados cubanos preparam uma expedição

MEXICO, 7.—Nos laics frequentados pelos emigrados politicos de Cuba nota-se certa efervescencia. Continuam a correr boatos de que os elementos opositoristas cubanos residentes no Mexico, e que vivem na clandestinidade, preparam uma expedição revolucionaria, em barcos que já estariam fretados, contra o general Machado. Essa expedição iniciar-se-á ao mesmo tempo que estalaria uma revolta nas provincias centrais e do sul de Cuba.

Parece que as autoridades cubanas confirmam estes boatos, dizendo que se adversarios do governo de Havana planeiam um movimento de grande envergadura. Não se mostram, contudo, reciosas.—(Americana).

### A comemoração do Ano Santo

CIDADE DO VATICANO, 7.—O Sumo Pontifice, numa mensagem que dirigiu ao cardinal Marchetti, acerca da necessidade de se celebrar a «hora santa» no dia 7 de abril proximo, como preludio da inauguração do Ano Santo, exorta o mundo catolico á oração nos termos seguintes: «Todos os corações dos homens de qualquer raça, lingua ou nação devem pedir a Deus que termine quanto antes a miséria e o sofrimento provocado no mundo pela actual crise economica».—(United Press).

### A malária em Cuba

HAVANA, 7.—Propagou-se a malária no interior do país, na região assolada pelo ciclone do ano passado, o qual deixou nos campos varios pantanos cuja agua se infectou e provocou a epidemia.

Em Manzanillo, região oriental de Cuba, morreram a semana passada 30 pessoas atacadas pela epidemia.—(United Press).

### Um grande incendio

RIO DE JANEIRO, 7.—Um grande incendio destruiu alguns predios do centro da cidade e parte do Mercado Central.—(Americana).

## OS AMERICANOS APRENDEM a pagar contribuições

WASHINGTON, fevereiro.—Nos ultimos anos muitas classes da população dos Estados Unidos ficaram isentas de pagar impostos ao Estado: Era bastante elevado o limite de isenção do pagamento de contribuições, e a população não pagava nenhum imposto.

Porém as coisas mudaram com a recente aprovação das novas leis fiscaes, o limite de isenção foi reduzido sensivelmente, a percentagem sobre as receitas foi aumentada, resultando que terão agora de pagar contribuições muitas classes da população que nunca foram contribuintes e além disso terão de pagar impostos mais pesados dos que anteriormente se calculavam para a sua capacidade. É a primeira vez que os impostos directos alcançam a elevação que tiveram durante a guerra mundial, ponto culminante para os Estados Unidos. Relativamente ás condições actuaes da Europa, a maioria dos contribuintes americanos estão numa situação verdadeiramente invejavel, pois, apesar dos impostos terem subido ultimamente, pagam ainda menos que a maior parte dos cidadãos europeus.

Termina em 5 de março proximo, o prazo maximo para a apresentação das declarações de lucros, para serem applicados os novos impostos. Segundo os calculos do governo, apresentarão tais declarações cerca de 6 milhões e meio de cidadãos, ou seja, quasi o dobro que no ano anterior. No ano transacto, pelas declarações prestadas, foram colectados para pagarem contribuições cerca de 1 milhão e meio de pessoas; este ano calcula-se que serão quasi 3 milhões de pessoas as que tenham de pagar impostos.

As verbas isentas de impostos são, para soiteiros 1.000 dolares, para casados 2.500 dolares por ano. Anteriormente as mesmas eram de 1.500 e 3.500 dolares, respectivamente. Os novos impostos são de 4 por cento pelos primeiros 4.000 dolares e de 8 por cento para verbas superiores. Estas anten-

das novas modificações eram, de 1,5 e 3 por cento, e durante a guerra de 6 e 12 por cento, respectivamente. Os impostos a pagar pelas collectividades foram aumentados de 12 por cento até 13,75 e 14,25.

Estes impostos são, todavia, somas de percentagens minimas, a que ha a adicionar alguns impostos supletivos. Desde a receita annual de 6.000 dolares já começam a incidir os impostos desse genero que antigamente eram de 1 por cento e agora podem chegar até 55 por cento para receitas desde 1 milhão de dolares. Antes, o imposto supletivo inicial cobrava-se já nas entradas de 5.000 dolares annuaes, e o maximo, para receitas superiores a 1 milhão de dolares, era de 65 por cento.

O numero de pessoas com receitas de um ou mais milhões de dolares, diminuíram rapidamente desde que passaram os anos da «prosperidade», e parece até que vai extinguir-se por completo. No ano de 1929 houve 513 contribuintes com mais de um milhão de dolares de receitas annuaes, em 1930 essa cifra desceu para 150, em 1931 a 75 e em 1932 foi ainda menor.

O aumento dos impostos era inevitavel desde que o balanço nas finanças dos Estados Unidos lutava com um «deficit» já ha anos. Em 1931 esse «deficit» era de 900 milhões de dolares, em 1932 subiu a 2.800 milhões e, calculado muito por alto, será no corrente ano fiscal de 1.000 milhões.

Quando o presidente Roosevelt tomar posse do seu cargo encontrará um «deficit» de 1.300 milhões de dolares. Espera-se que parte desta «deficit» seja saldado com as contribuições que se recebem de 15 de março a 15 de junho. Por muito justificada que seja esta esperança, é porém muito incerto que, dada a má situação economica, as receitas por impostos atinjam a quantia calculada. Poderia acontecer facilmente que o ano fiscal fechasse com um «deficit» ainda maior do que aquele que hoje se calcula.—(United Press).

## Produtos Taipas, L.

### Uma industria genuinamente portuguesa que honra o país

Entre as casas modelarmente montadas no nosso país, impõe-se, pela sua notavel organização e excelencia dos seus produtos, a Sociedade dos Produtos Taipas, Lda, que marca definitivamente no ramo de perfumarias, sendo os seus fabricos conhecidos e apreciados em toda a parte. Fundou-se ha cerca de 20 anos na cidade do Porto, então só com o fabrico dos já celebres sabonetes Taipas, recomendados pelos mais afamados medicos dermatologistas como os melhores para todas as doenças de pele.

De sucesso em sucesso e admiravelmente recebidos pelo publico, mercê da sua cuidadosa confecção, a Sociedade dos Produtos Taipas, Lda, apresenta hoje uma completa e variada coleção de perfumarias e artigos de higiene, rivalizando nem favor com os melhores estrangeiros, que podem ser apreciados nas mostras dos principaes estabelecimentos da Baixa, onde também se distribuem amostras gratis a todas as pessoas que as pedirem.

Assim, para uma organização que honra a industria nacional como o proprio nome da Nação, chamamos para ella a atenção dos nossos leitores, convidando-os a visitar as casas onde se encontram expostos os seus magnificos productos.

antes de começar o tratamento

do 3.º frasco já está

erf assize com assize

**PILLOLOLO RUMOVARE**

desaparece o caso por completo, e logo deixa de dar o coceco, coceco o bobo o reproduzir trovos rózes, e é reconhecido por cocecos de médicos, cocecos de pessoas curadas.

FRASCOS 5 ESCUDOS

Se vende em todas as perfumarias, farmacias, drogarias, e em lojas de artigos de toilette.

PREÇO DE VENDA POR FRASCO 5 ESCUDOS

PREÇO DE VENDA POR FRASCO 3 ESCUDOS

**Sortes grandes?**  
 só a casa COSTA, LDA. as vende  
 -75—Rua de S. Paulo—77

**Carlos de Mello**  
 Especialista de doenças de ouvidos nariz e garganta.  
 RUA IVENS, 26

## O CONFLITO DO CHILE

### AUMENTA NA BOLIVIA o entusiasmo pela guerra

BUENOS AIRES, 7.—Pessoas chegadas de La Paz dizem que a guerra custa á Bolivia 300.000 bolivianos (moeda principal) por dia, despesa que é custeada com emprestimos internos e outras medidas financeiras. Acrescentam que é indescrivel o entusiasmo patriótico em toda a Bolivia e que o general Kundt se propõe aumentar os efectivos do exercito actual, que são de 30.000 homens, para 60.000.

Um exercito de 12.000 homens prepara-se para atacar o fortim Toledo, que está em poder dos paraguaios, e chegaram á linha de caminho de ferro de Casado. Se os bolivianos conseguirem este objectivo, Assunção ficará em perigo. Os paraguaios, porém, não-de fazer todos os esforços para inutilizar tal intento. Não resta duvida de que a Bolivia, no caso de se malograrem as actuaes diligencias a favor da paz, desenvolverá uma offensiva violenta contra as linhas inimigas.—(Americana).

### A exportação de armas

NOVA YORK, 7.—A ideia do embargo da exportação de armas visa, principalmente, o Chile. Posteriormente, é que se lhe enclavou a questão do Extremo-Oriente. Declara-se oficialmente que os Estados Unidos, em 1930, exportaram para a Argentina armas no valor de 320.000 dolares; para a Bolivia, no de 1.600; para o Peru, no de 374.200; para o Chile, no de 204.700, e para a Colombia, no de 95.700. Entre janeiro de 1930 e novembro de 1932, a America do Norte exportou para a Bolivia e para o Paraguay armamento no valor, respectivamente, de 85.946 e 45.887 dolares.—(Americana).

### As propostas de arbitragem

SANTIAGO DO CHILE, 7.—A Bolivia comunicou ao governo chileno que aceita, com leves modificações, as propostas da Argentina, do Brasil e do Chile para resolver o conflito do Chile por meio da arbitragem. Como o Paraguay fez recentemente, igual declaração, reina optimismo. Vão principiar as negociações.—(Americana).

### A declaração de guerra

ASSUNÇÃO, 7.—A Camara, dos Deputados aprovou o texto do projecto de lei que foi já aprovado pelo Senado, autorizando o presidente da Republica a declarar a guerra á Bolivia, logo que o julgue oportuno.—(United Press).

### Amnistia no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 7.—Val ser decretada uma amnistia a favor dos revolucionarios de 4 de junho.—(Americana).

### A reforma do exercito

SANTIAGO DO CHILE, 7.—O governo prepara a reorganização do exercito, do que resultará a reforma de 180 officiaes.—(Americana).

### A cultura de tabaco em Espanha

VALENCIA, 7.—Os cultivadores de tabaco resolveram pedir ao estado: 1) que seja autorizado o aumento do preço de venda do tabaco; 2) que se estabeleça definitivamente a cultura; 3) que na costa do Mediterraneo seja instalado um centro de produção; 4) que o Estado proteja os produtores.—(Havas).

## D'INHEIRO

ADIANTA sobre todas as operações, compra o recibio de casas completas e promove todo o genero de liquidações com as maiores vantagens, fazendo a avaliação gratuita com garantia e credenciais. A agencia de feilções

**Dias de Sousa & Gonzaça, Ltd.**  
 R. Augusta, 229, 3.º - Telef. 2 8115

**BICICLETAS**  
 ACESSORIOS  
 Armando Crespo, & C.  
 Rua do Crucifixo, 199 ALBARRA

VAMAR

vinho do Porto de superior qualidade e de velhice garantida

Pedidos pelo telefone N. 1818

ULTIMAS NOTICIAS

Os tres mosqueiteiros

Um grande programa no CONDES

A REVOLUÇÃO NA GRECIA

O GENERAL PLASTIRAS

foi derrubado

por outro general

que tomou conta do Poder

ATENAS, 7.—O general Plastiras, que ontem deu um golpe de Estado proclamando a ditadura na Grecia, foi já derrubado do poder.

O general Othonos, que o substituiu é o presidente do novo governo provisório militar da Grecia, que se formou esta madrugada em Atenas.

O primeiro acto do general Othonos foi revogar todas as medidas decretadas por Plastiras, inclusive o estado de sitio e a censura à imprensa, que foram já abolidas.

Venezellos, que sofreu uma grande derrota nas ultimas eleições, annunciou ao país que abandonava para sempre a politica, recolhendo à vida particular.

Nos disturbios que se produziram em Atenas, por occasião do golpe de Estado do general Plastiras, houve um morto e varios feridos.—(United Press)

O governo prestou juramento

ATENAS, 7.—A situação torna agora o rumo da normalidade legal. Os membros militares do governo prestaram juramento ontem à noite e os civis farão o mesmo hoje. A censura à imprensa foi levantada. O general Plastiras entregou os seus poderes ao novo governo. O general Othonos declarou que se conservará no poder até serem convocadas as Camaras e que então entregará os poderes ao partido que tiver obtido a maioria. Os partidos da opposição olvidaram, até agora, 135 lugares e os governamentais 111.—(Havas)

Marcha de tropas sobre Atenas?

ATENAS, 7.—O general Conallits enviou um ultimatum ao presidente Zaimis, ameaçando marchar sobre a capital à frente das tropas da provincia, se dentro de 24 horas o governo não for entregue ao chefe populista Tsaldaris.

O presidente pediu-lhe que suspendesse a marcha e aguardasse a sua mediação.—(United Press).

DE LUTO

Dr. Francisco de Sousa Mendes

Com um acompanhamento numeroso, realizou-se esta tarde o funeral do sr. Dr. Francisco José de Moncada e Abrachens de Sousa Mendes, filho do sr. Dr. Cesar Mendes, ministro dos Negocios Estrangeiros.

O cortejo fúnebre saiu da avenida Duque de Avila, 193, para o cemiterio dos Prazeres, onde compareceram, além do sr. Dr. Oliveira Salazar, todos os membros do governo, diplomatas acreditados em Lisboa, altos funcionarios e divos, as entidades representativas.

Dirigiu o funeral o sr. Dr. Pinto Ferreira, do Protocolo, do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Atribuições de um chinês no Poço do Borratim

Shau Am Fup, de 28 anos de idade, chinês, residente no Poço do Borratim, 4, 4.º, foi ali agredido por dois compatriotas, a pontapé, ficando gravemente contuso no ventre, tendo dada entrada no hospital de S. José. Os agressores foram presos.

CAPITOLIO

A's 21 — CINEMA SONORO

Exhibido de varios filmes e da opereta

MADAME SATAN

com Kay Johnson e Reginald Denny

Esmerado serviço de bar.—Chauffage.

Quinta-feira, as 15, matinees infantis e elegante organização de A. Gontreiras

POLITICA ESPANHOLA

A tragedia de Casas Viejas

continua a ameaçar a vida do governo

(Do nosso correspondente particular.) MADRID, março.—Finalmente, encerrou-se no Parlamento, o livro negro de Casas Viejas, onde fica pereneamente inscrita uma matança de camponeses, sacrificados aos maus instintos dum capitão irascivel.

Depois dum esforço insano, que legitimamente se pode classificar de pirrico, para empregar a expressão do sr. Albornoz, o governo conseguiu ver prolongada a sua existencia, desde logo bem precaria e compromettida.

Para que nada faltasse a este triste episodio, tão parecido a outros que salpicaram os ultimos anos da Monarquia, surgiu até uma reminiscencia militarista.

Cinco dos nove capitães que comandam as companhias de guarda de assalto, reninram-se pressurosamente, para redigir um documento em que se afirma, que o capitão Rojas, mandatório dos fusilamentos, se limitou a cumprir as ordens, do director geral de Seguridad.

Este incidente, pelo que em si tem de artigo regime, provocou na opinião democratica uma viva reacção. Neste país, tudo o que represente uma extralimitação de poderes, mencionadamente de tendencia militarista, produz alarme justificado.

E compreende-se esta sensibilidade civica num povo, que durante anos viveu sob o jugo de camarilhas palacianas e militaristas. Daí, o seu desejo, de que a força public obedeça aos poderes constituidos e não proceja sobrepostamente a eles.

Este incidente, originado pelos bellos capitães, veio favorecer o governo, muito embora dele se tire a conclusão de que os referidos officiaes não foram acertadamente escolhidos para o corpo criado pela Republica como sua principal base de apoio. A profunda emoção republicana das opposições, especialmente de Lerroux, cujo amor à Democracia, difficilmente pode ser igualado, levou os parlamentares a não tirarem do facto as suas conclusões logicas.

A manobra da acta, pela qual se pretendia imputar ao governo, a responsabilidade dos successos de Casas Viejas, ficou, assim, totalmente inutilizada, circunscrivendo-se à negligencia governamental.

O sr. Botella Asensí, cujo talento e devoção republicana temos tido ensejo de evidenciar, foi encarregado, pelos cincoenta deputados signatarios da moção de censura, de formular o requisitorio à fraqueza do gabinete.

Manifestações em Viena

a favor dos hitlerianos

VIENA, 7.—Os chefes nazis austriacos convocaram para ontem à noite os seus partidarios, a fim de fazerem uma manifestação em que definissem a posição dos nazis austriacos com respeito ao triunfo eleitoral dos seus camaradas do Reich. A manifestação, em que tomarão parte 20 mil pessoas, serviu de pretexto aos chefes nazis para atacarem o gabinete Dollfuss e a politica estrangeira, reclamando novas eleições. Ao terminar a reunião, romperam os cordões da Policia e fizeram manifestações no centro da cidade. Houve varios incidentes. Na provincia, nomeadamente em Innsbruck, na Styria, produziram-se numerosas manifestações da mesma natureza.—(Havas).

O seu discurso foi verdadeiramente impellido, dum logica esmagadora. No capitulo social, o sr. Botella aludiu largamente ao conflito existente entre a U. G. T. e a C. G. T. Segundo a sua opinião, as causas immediatas do movimento social, que reveste preferentemente a forma revolucionaria, fillam-se no trato de favor que gosam os organismos socialistas, os quais muitas vezes se unem à burguesia para esmagar o proletariado, que tem a não considerar como seu redentor o sr. Indalecio Prieto.

Igualmente aludiu o sr. Botella Asensí às qualidades de homem publico do sr. Azafía, que classificou de mediocre estadista.

O chefe do governo, que parece ter perdido a sua arrogancia de outrora e compreendido como é contingente o Poder, repetiu os argumentos dos seus anteriores discursos, reiterando mais uma vez o seu veemente desejo de continuar à frente do executivo, com uma contumacia verdadeiramente digna de admiração.

A votação não trouxe surpresas a ninguém. O governo conseguiu ver aumentados em quinze o numero dos seus votos.

A sua maioria aumentou mais, porque os reacionarios (vasco-navarros e catholicos) consequentes com as suas doutrinas de violencia para com os operarios, se absteram, assim como os deputados do grupo «Ao serviço da Republica». Votaram, pois, a moção de censura, a esquerda radical socialista, os radicaes, os mauristas e os federais. Os radicaes-socialistas, divididos como sempre, entre a ideologia e as conveniências, chegaram desta vez a uma formula transaccional.

Levaram para isso dois dias discutindo e argumentando pró e contra o governo. Como não houvesse maneira de se chegar a um accordo, assentaram, por proposta do sr. Gordon Ordax, chefe dos que querem manter a ideologia do partido, que é francamente da esquerda, em iniciar diligencias para a formação dum governo de ampla concentração republicana. Esta proposta foi igualmente muito bem acolhida pela Esquerda Catalã.

Desta maneira, temos uma crise a prazo, pois dependeria unicamente do bom exito das diligencias, para a successão. Convém, não obstante, por de remissa esta hipotesse, por isso que o governo, desejo de proiongir a sua arrastada vida, que é, já, a de um moribundo, ha de procurar inutilissima.

Um bom empregado . . .

Encontra-se preso nos calabouços do Torre, Antonio Fernandes Ventura, que furtou ao seu patrio Manuel Fernandes Pereira, um cofre com dinheiro. A Policia apreendeu parte do furo.

Agressão mortal

No hospital de S. José faleceu hoje Francisco da Cruz, de 55 anos, proprietario em Sobral de Mont'Agráo, onde ha dias foi agredido a tiro durante uma discussão, conforme noticiámos.

Morto por um comboio

Esta manhã, na estação de Cascaes, foi colhido por um comboio, tendo morto instantanea, o sr. Antonio Pereira Bragança, de 56 anos, casado do sr. duque de Palmela.

A DEFESA DO DOLAR

O GOVERNO DECRETOU

medidas urgentes

para evitar o panico

nos meios financeiros

WASHINGTON, 7.—Realizou-se ontem à noite, na Casa Branca, a annunciada reunião do presidente da Republica, sr. Roosevelt, com os governadores dos Estados da União, a fim de assentar nas medidas para o restabelecimento da economia e da confiança bancaria do país.

Depois dessa reunião, Roosevelt annunciou que ficara delineado o plano com os governadores dos Estados para se conseguir aquelle objectivo, estando comprehendidos nesse plano a redução dos impostos, a adopção dum politica nacional sobre hipotecas e a redução do juro dos emprestimos hipotecarios, assim como a coordenação dos trabalhos para o salvamento do país.

Roosevelt acrescentou que o principal objectivo da sua proclamação ao povo americano era impedir a retirada de ouro dos bancos e a saída do mesmo metal do país e simultaneamente lancar no mercado alguns instrumentos de circulação que surpressem a moeda entesourada por particulares, a fim de facilitar de momento a marcha normal das transações commerciaes internas.—(United Press)

O Estado auxiliará os bancos

WASHINGTON, 7.—Na conferencia dos governadores, que se realizou ontem, Roosevelt decretou que desejava que a situação dos diversos bancos se tornasse o mais possivel uniforme, para o que estava disposto a oferecer o auxilio da administração federal.

«A minha proclamação de ontem—acrescentou—tinha por finalidades principais impedir novas retradas de ouro e divisas e ainda pôr à disposição da nação um novo agente monetario, visto que grande parte da moeda se encontrava escondida».

Por outro lado, sabe-se que Nova York foi autorizada a emitir certificados em todo o Estado, sob a condição de estes poderem ser revogados, no caso de virem a ser nacionalizados.—(Havas)

A posição da França

PARIS, 7.—Ao contrario do que afirmam determinadas noticias de origem estrangeira, pode-se afirmar que o Banco de França não encara a necessidade de prestar qualquer auxilio aos Bancos Federaes de Reserva americanos. O «Excelsior» diz a este respeito que o abandono do estale-ouro por parte dos Estados Unidos não acarreta perdas para o Tesouro e para o Banco de França. As existencias de divisas estão limitadas às estritas necessidades das trocas commerciaes, que a crise mundial tem ultimamente reduzido. Não é de prever que a depreciação do dolar crie a França uma situação analoga á quella que lhe criou a queda da libra.

O mercado francez não sofreu alteração, mantendo a sua habitual tranquillidade. Os bancos conservam todas as suas disponibilidades, que ultrapassam os pedidos.—(H.)

O panico dos depositantes

NOVA YORK, 7.—O governador do Estado decretou uma moratoria bancaria até quinta-feira inclusive. Na semana que terminou em 1 de março, só de 450 bancos foram levantados 952 milhões de dolares pelos depositantes alarmados, sendo 444 milhões de Nova York e 123 de Chicago.—(Havas)

A crise na Guatemala

GUATEMALA, 7.—Em consequência da crise bancaria norte-americana, o governo decretou a moratoria bancaria em Guatemala, como medida de protecção ao publico. Os bancos estarão encerrados por tempo indeterminado, em todo o país.—(United Press)

ALHAMBRA

Cabaret-Dancing-Restaurant

Parque Mayer

Aberto toda a noite — Entrada livre

HOJE — A's 21 horas

CINE E VARIEDADES

Grande successo do celebre bailarino

«Douglas», nos seus excentricos ballados

americanos, e sua partenaire «Josephine»

KLAK-TAP-DANGERS